Jornal
UNIVERSITÁRIO
ÓRGÃO DA UFPE

N.° 1 RECIFE — SETEMBRO — 1976 ANO IX

UM FETO MORTO PODE SER ÚTIL À CIÊNCIA?

Como é que a morte pode contribuir para melhor compreensão da vida? Pelo menos, no campo da Anatomia, um feto morto, um cadáver, é de grande utilidade, para a preparação dos novos profissionais das ciências médicas.

PÁG. 12

Preço
Cr$ 2,00

Ingestão de doping é novidade ou velho hábito?

PÁGS. 8 e 9

No conflito de gerações, quem está com a razão?

PÁG. 4

O FENÔMENO DA UMBANDA NO RECIFE

PÁG. 3

Direito e seus novos mestres

Sob a coordenação do Professor Lourival Vilanova, o Mestrado em Direito funciona desde 1972, com o objetivo de elevar o nível científico, didático e profissional de quantos militam nessa ciência. Seu efeito mais imediato é credenciar recursos humanos para o Magistério Superior, de acordo com o sistema vigente no ensino brasileiro.

Aula de abertura do ano letivo do Mestrado, com o Prof. Lourival Vilanova, seu coordenador, fazendo exposição sobre os objetivos do programa

Funciona na própria Faculdade de Direito (Praça Adolfo Cirne). A primeira turma ingressou em 1972, mediante rigorosa prova de seleção, exigindo-se ainda média global sete no Curso de graduação. Ao final das 1.135 horas-aula, distribuidas pelas 15 disciplinas, com áreas de concentração, domínio conexo e eletivo, os alunos são obrigados a apresentar tese.

O programa desenvolve-se com a realização de aulas expositivas, seminários, estudos orientados, além de 13 dissertações parciais (uma para cada disciplina) e quatro em cada semestre letivo. Adota-se um caráter monográfico de forma a induzir o estudante à pesquisa.

O aluno dispõe de um ano, após o Curso, para elaborar a dissertação, que será defendida perante banca examinadora; havendo aprovação obtém o grau de Mestre.

O Acesso

O acesso é feito mediante seleção, constando de uma prova, de língua estrangeira (inglês, francês, italiano ou alemão); prova escrita sobre Direito, com duração mínima de 4 horas. Realizam-se os vestibulares em fins de fevereiro. O curso oferece 25 vagas. Para ingressar na prova seletiva requer-se a nota 7 (global) no curso de Bacharelado em Direito.

Corpo Docente

Um corpo docente de alto nível ministra as disciplinas do Mestrado: doutores Torquato Castro (de Direito Civil); Murilo de Barros Guimarães (Direito Comercial); Ruy Antunes e Everardo Luna, (Direito Penal); Moura Rocha (Processo Civil); Nilzardo C. Leão, (Processo Penal); Nelson Saldanha (História do Direito); Claudio Souto (Sociologia do Direito); Glaucio Veiga (Direito Econômico); Souto Braga (Direito Tributário); José de Ascenção Oliveira (Direito Civil); Tarcísio Burity (Relações Internacionais); Teoria Geral do Direito a cargo do Coordenador do Curso, professor Lourival Vilanova.

Os Alunos

O Curso de Mestrado tem funcionado com alunos que são professores universitários, advogados, promotores, procuradores, de Pernambuco e de outros Estados da Região.

Cientista mostra novos caminhos no campo dos sistemas formais

O cientista Newton Carneiro Afonso da Costa, da Universidade de São Paulo, atualmente considerado uma das maiores expressões no campo da Lógica e da Matemática, em nosso País, fez uma série de cinco conferências sob o patrocínio do Departamento de Estatística e Informática, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (Centro de Informática) da UFPE, a convite do Reitor Paulo Maciel. A maior parte dos trabalhos do Prof. Newton C. A. da Costa, sobre Lógica e Fundamentos da Matemática, tem sido publicada nos **Comptes Rendus** da Academia de Ciências de Paris e em quase todas as revistas e jornais especializados dos Estados Unidos, Europa, Japão e União Soviética. Eles ganharam fama internacional com a descoberta e a investigação sistemática dos chamados sistemas formais inconsistentes, que representam uma literal revolução em Lógica com implicações bastante profundas para a Filosofia da Ciência.

RESUMO

Depois de sublinhar que, "é extremamente importante que esta descoberta tenha sido feita no Brasil, por mestre brasileiro — fato que se reveste da maior significação para a história dessa ciência no nosso País", o Professor Jarbas Maciel fez um resumo, para o JORNAL UNIVERSITÁRIO, das exposições do cientista Newton Carneiro Afonso da Costa:

Embora o assunto "sistemas formais inconsistentes" constitua um tema essencialmente técnico de Lógica, é possivel descrevê-lo em suas linhas essenciais de modo a evidenciar toda esta sua enorme importância epistemológica.

SISTEMAS FORMAIS INCONSISTENTES

Como se sabe, um sistema dedutivo S se diz consistente, ou livre de contradição, se não existe nenhuma proposição P do sistema tal que tanto P quanto não-P sejam teoremas. No contexto da lógica tradicional (ou aristotélica), é evidente que os sistemas formais (ou dedutivos) devam ser consistentes, caso contrário recair-se-á na situação trivial em que todas as proposições do sistema passam a ser teoremas. Mesmo nesse contexto, a consideração da consistência dos sistemas dedutivos não está de todo livre de dificuldades. Acredita-se, por exemplo, que a maioria dos sistemas ordinários utilizados para fundamentar os principais ramos da matemática sejam consistentes — mas é sempre uma tarefa dificílima provar essa consistência. Os resultados a que chegou Gödel, por exemplo, indicam, entre outras coisas, que, se S é consistente, então a consistência de S não pode ser provada em S. Uma saída natural para este impasse é a procura de linguagens formalizadas mais "fortes" do que S — coisa que apenas adia o problema. Outra saída é a utilização de novas lógicas subjacentes, diversas da lógica aristotélica, que permitem lidar com os sistemas inconsistentes de uma maneira não-trivial. Deste modo, diz o Professor Newton C. A. da Costa, "seria tão interessante estudar os sistemas inconsistentes quanto, por exemplo, as geometrias não-euclideanas: nós obteríamos melhor idéia da natureza de certos paradoxos, como também poderíamos penetrar melhor as interconexões entre os vários princípios lógicos necessários à obtenção de determinados resultados".

AS CONFERÊNCIAS

No ciclo de conferências que o Prof. Newton C. A. da Costa proferiu no Auditório do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, estes problemas e muitas outras questões (inclusive abertas) da Matemática e da Filosofia (principalmente História da Lógica) foram abordados com maestria. Os temas foram: "Situação atual da Lógica", "Fundamentos da Geometria", "Teoria dos vbetos", "Lógicas Paraconsistentes" e, finalmente, "A Lei da Contradição em Aristóteles, segundo Lukasiewicz".

Em "Situação Atual da Lógica", o mestre paulista simplesmente abriu-nos o mapa mundi da Lógica, desde Aristóteles (visto sob uma luz, agora, extraordinariamente diferente e surpreendente), os Estóicos, o Medievo até os mais recentes trabalhos da poderosissima Escola Polonesa, com a qual o Prof. Newton C. A. da Costa está em contacto permanente desde há muitos anos. Além dos detalhes técnicos, o professor da USP nos trouxe alguns aspectos curiosos da Lógica, tal como praticada hoje na Polônia, como este exemplo: da mesma maneira que, ao procurarmos saber algo sobre um País, nós perguntamos logo sobre detalhes como a sua renda **per capita**, no caso da Polônia seria mais justo perguntarmos sobre o seu índice "n.° de lógicos **per capita**". É o maior do mundo, ganhando longe para todos os países europeus, Rússia, Estados Unidos, etc.

Para o Prof. Newton Costa, a Lógica, impossível de definir, vem a ser, pelo menos, o estudo (sistemático) das estruturas lógicas. Estas podem ser "ortodoxas" ou "heterodoxas" quando têm o Cálculo Proposicional clássico (isto é, com a lógica aristotélica como substratum) em sua base. São heterodoxas quando essa base é diferente da usual. Bastaria, entretanto, uma rápida olhada nas Lógicas Ortodoxas para mostrar a enorme riqueza do trabalho que se vem desenvolvendo em Lógica, com o auxílio da Matemática.

As Lógicas Ortodoxas estão subdivididas em 4 grandes classes. Em primeiro lugar, as chamadas **Lógicas Aléticas**, mais "naturais" (no sentido aristotélico), formalizadas pelo (clássico) sistema-T, de Feys-von Wright, também denominadas Lógicas Extensionais e Lógicas Modais, formalizadas estas pelos sistemas S_4 e S_5 de Lewis. Em seguida vêm as **Lógicas Epistêmicas**, que empregam operadores diferentes das lógicas aléticas — por exemplo, o operador "eu creio que...", trabalhadas por Kripke; ou o operador "eu conheço...", ou "eu sei que...", de algumas lógicas trabalhadas por Hintikka; ou o operador "prova-se que...", da Lógica da Prova, de Gödel ou, finalmente, a Lógica dos Problemas, de Kolmogoroff. Então são as Lógicas Epistêmicas. Há uma terceira classe de Lógicas Ortodoxas: as chamadas **Lógicas da Ação** — e aqui está, por exemplo, todo o universo lógico necessário para embasar a moderna Epistemologia Científica de feição mais propriamente sistêmica. A Lógica Deôntica é um tipo de Lógica da Ação (ou lógica praxeológica), induzida pela análise de problemas típicos de ciências humanas como o Direito, a Psicologia, etc. Mas há outras Lógicas da Ação igualmente importantes, como a Lógica Praiarética, que estuda o operador da preferência — "eu prefiro isto (a aquilo)", etc. — e que é, por conseguinte, a lógica da Ciência Política por excelência. Há ainda a Lógica Imperativa e, esta bastante interessante, a Lógica Ideológica. A 4.ª classe de Lógicas Ortodoxas é, talvez, a de maior significação para a Epistemologia Científica: as **Lógicas Metodológicas**, que incluem: a Lógica Modular, de Kotas, útil na proposicionalização da lógica que embasa a Mecânica Quântica; a Lógica do Todo e das Partes, de Lesniewski, importantissima para a Filosofia da Ciência de veia sistêmica e com um sabor histórico todo especial, em razão da primeira tentativa feita por Edmund Husserl na "3.ª Investigação Lógica" de desenvolver uma lógica do todo e da parte.

Entre as Lógicas Heterodoxas — que incluem as Lógicas Polivalentes, as Lógicas Intuicionistas, os sistemas de Fitch, Nelson, as Lógicas Paraconsistentes e a Dialética — situa-se o centro de interesse dos trabalhos do Prof. Newton Costa.

As demais conferências foram de caráter mais técnico, interessando antes de tudo aos que trabalham com matemática. A última conferência, entretanto, assumiu um caráter absolutamente revolucionário, interessando diretamente à Filosofia e com repercussões importantíssimas para a Ciência. Em "A Lei da Contradição em Aristóteles", o Professor Newton Costa mostrou como Lukasiewicz, o maior historiador da Lógica, analisa, com a profundidade do mestre e os lampejos do gênio, a lei lógica talvez mais crucial para a Ciência Grega (e para boa parte da Ciência Ocidental de hoje), que Aristóteles (ou seus seguidores, o que seria pior) curiosamente deixou de colocar no "Organon" para colocar no famoso "Livro Gama" da Metafísica. O "climax" da palestra, construido lenta e gradualmente com maestria pelo Prof. Newton Costa, foi o seguinte: a negação do Principio da Contradição que Aristóteles apresenta no Livro Gama, da maneira como está, contém uma falácia lógica, um "êrro", só haveria três alternativas para explicar este "êrro": (a) Aristóteles teria errado, o que é improvável, dada a sua genialidade e seu tremendo dominio da matéria; (b) Aristóteles teria feito a negação defeituosa propositadamente, para evitar toda uma ordem de problemas para os quais a nascente Ciência Grega ainda não estava preparada; e (c) seus seguidores teriam anotado mal suas aulas, ou "arrumado" algo desastradamente os "cursos" que ele dava, introduzindo aquela imperfeição posteriormente. (Esta última possibilidade, algo melancólica, conduziria a um labirinto de exegeses eternamente indecidíveis, que convém sempre que possivel evitar). Pessoalmente, o mestre paulista inclina-se para a alternativa (c), avançando a hipótese de que Aristóteles, ao negar como negou a Lei da Contradição, no Livro Gama, já teria descoberto todo o vasto dominio das Lógicas Paraconsistentes — um fato que, se comprovado, projetará enormemente, por sobre os séculos passados e futuros, a sombra da genialidade do Estagirita.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 1 RECIFE — SETEMBRO — 1976 ANO IX

Reitor ..... Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor ..... Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário ..... Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico ..... Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação ..... Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento ..... Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC ..... Marcus Accioly
Redator-chefe ..... Manoel Neto Teixeira
Redatores ..... Raimundo Carrero
..... Ângelo Monteiro
..... José Carlos Targino
..... Ângela Delouche
Diagramador ..... Josias Florencio da Silva
Revisores ..... Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico ..... Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Ciência Clama por Divulgação

O pesquisador e cientista brasileiro enfrenta, ainda, dificuldades enormes para publicar os seus trabalhos, o resultado das suas incursões pelos nem sempre amenos caminhos das ciências, das letras e das artes. Chega, na maioria das vezes, a ter grandes prejuízos, a permanecer no ineditismo, porque, embora com a obra original e acabada, na hora exata de anunciar aos quatro cantos o pioneirismo de um resultado, é surpreendido pela notícia vinda de outras plagas: o cientista fulano de tal, de tal país, acaba de descobrir um novo tipo de antibiótico, um fungo até então desconhecido, ainda não catalogado, etc.

Tal fato ocorre, e com freqüência, mesmo no âmbito de Universidades que dispõem de sofisticadas oficinas gráficas para impressão de livros e periódicos.

Falta, obviamente, mentalização quanto à importância da publicação dos trabalhos e resultados de pesquisas científicas, com prioridades, posto que a medida pode antecipar a circulação de rasgos até então desconhecidos nos diversos campos das ciências. Do contrário, fica-se a contemplar os anúncios propalados pelas revistas e periódicos dos países que sabem se antecipar, mesmo sem ter chegado primeiro, para angústia e frustração daqueles que se dedicam, de forma exclusiva, com amor e tenacidade, às investigações científicas, mas que nem sempre são compreendidos pelos que comandam a burocracia, a administração, responsáveis pelas editoras e demais órgãos que compõem o nosso sistema universitário. Inverte-se, então, a ordem dos valores, dando-se prioridades a produções medíocres e sem conteúdo capaz de oferecer uma contribuição efetiva à verdadeira obra universitária.

Em Pernambuco ocorreu um fato que bem ilustra o problema. Um pesquisador de um dos Institutos universitários, concluíra trabalho em que revelava à catalogação científica a ocorrência de uma nova espécie de fungo. Encaminhara a pesquisa para publicação, mas por motivos alheios à sua vontade e ao bem senso universitário, demorara em demasia no prelo; tempos depois, entre surpreso e frustrado, lera a notícia em forma de plaquete, de colega seu, integrante do corpo científico de uma Universidade européia, dando conta da descoberta do mesmo fungo por ele manipulado, já há algum tempo. Morreu conseqüentemente nas gavetas da impressora o ineditismo do seu trabalho que, embora concluído antes, terminou por chegar atrasado, vendo assim ruirem por terra não só recursos materiais mas a própria capacidade científica, se não para ele, o pioneiro propriamente dito, mas aos olhos do mundo e da própria ciência.

Urge pois a implantação de uma consciência nova em torno do trabalho dos nossos cientistas, pesquisadores, que embora não dispondo, ainda, dos equipamentos mais sofisticados, enfrentando as deficiências de recursos materiais, sobretudo os intermináveis empecilhos da famosa burocracia, podem e devem ser equiparados, em termos de qualificação aos melhores quadros de Universidades de países desenvolvidos. E quem o comprova são os cientistas que vêm proferir conferências, fazer contatos e observações no âmbito das nossas Universidades. São unânimes em reconhecer o valor dos que militam nos diversos campos das ciências-exatas, da natureza, tecnologia, humanidades, etc.

Há o fato, por mais estranho que possa paracer, de centros universitários brasileiros desconhecerem a produção dos seus próprios pesquisadores e cientistas, pelo menos imediatamente, porque muitos deles, sabendo das dificuldades internas, preferem publicar seus trabalhos em revistas e periódicos de outros países. É preciso que se dispense a devida atenção ao problema, pondo-se termo à já costumeira lentidão com que se tratam tais assuntos, incrementando-se a divulgação, com prioridade, da grande obra que realizam os cientistas brasileiros. E um exemplo eloqüente dessa produção foi o recente encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no qual foram apresentadas e discutidas mais de três mil teses.

PERSPECTIVA

Recife Mediúnico

ROBERTO AGUIAR

Fato corriqueiro em noticiários é o registro da crescente difusão de seitas e denominações mediúnicas, no mundo inteiro. No Brasil, país de formação ibérica e apontado como possuidor da maior população cotólica, a Umbanda, procurando fundir princípios kardecistas a concepções religiosas de origem africana, tem-se revelado, nas últimas décadas, o mais destacado fenômeno religioso brasileiro. Uma pesquisa ainda inédita do Instituto Joaquim Nabuco revelou que, aproximadamente, quatro mil e quinhentos centros mediúnicos existem no Recife, excetuando-se os especificamente kardecistas e outros que professam crenças orientais.

A expansão de tais denominações tem ocorrido paralelamente às mudanças que, de modo progressivo, transformam as grandes cidades em imensas organizações, tornando racionais a produção, a comercialização, o consumo, a circulação de bens, o tráfego, etc., bem como concorrendo para uma crescente centralização das decisões. Este processo de racionalização social que, de modo lento, tem envolvido as cidades ocidentais, já por algum tempo, revela-se impetuoso no Brasil, onde suas principais cidades, por força da racionalização social, estão tendo suas faces mudadas, nas duas últimas décadas. Entre as cidades brasileiras, parece ser no Recife, onde a concomitância dos dois fenômenos — a mediunidade e racionalização social — se revela com maior intensidade. Outro fato significativo é o alto número de católicos entre os crentes e participantes da mediunidade . A Católica, Igreja em que os fiéis são estratificados muito rigidamente, vem perdendo, para o comum do povo, sua atividade, após adotar algumas formas mais racionais de prática religiosa, em detrimento da beleza e do mistério, características maiores que revestiam o culto católico ao ver das camadas intelectualizadas. Aqui também, mais uma vez ocorre o relacionamento entre mediunidade e racionalização social. Se, tomada em geral, esta relação possa ocultar o seu vetor, relativamente ao catolicismo, porém, a mediunidade parece ser o reverso da racionalização. Isto torna-se mais evidente, quando se verifica ser pequeníssimo o número de protestantes adeptos da mediunidade. A racionalização não constitui algo de novo, para os protestantes. Integra sua doutrina e seu culto desde o início, excetuadas certas denominações, como os Pentecostais, por exemplo.

Estes dois fenômenos — mediunidade e racionalização social — podem aparentar serem mutuamente excludentes. Em relação ao homem que, no caso recifense, repentinamente se vê como habitante de uma cidade na qual as decisões mais simples, ligadas aos atos mais comuns de sua vida diária, estão vinculadas a "centros de poder", impessoais e distantes, capazes de, com uma simples manobra, mudarem seus próprios hábitos de alimentação, vestuário e lazer, a mediunidade surge como um código ético que dá dignidade, justificando-lhe o apego ao empírico e ao plástico e tornando funcional sua vida, dentro da abstrata e imensa urbs.

Este sentido subjetivo da mediunidade harmoniza-se com o sentido geral, revelado pelas denominações mediúnicas tomadas em conjunto. O elemento comum aos dois aspectos — o subjetivo e o objetivo — da ação social mediúnica é o princípio da resignação que, mesmo sendo herdado do catolicismo, no Ocidente, e de outras religiões orientais, recebe das denominações mediúnicas brasileiras uma interpretação especial. A resignação é, para o comum dos crentes na mediunidade, o princípio orientador da sua ação, através do qual ele revela sua "total aceitação dos designios da Divindade, implicando isto, sempre, em uma forte recomendação para a não mudança. Esta é transposta para o Aquém da concepção, ou para o Além da morte. A Terra constitui-se apenas um planeta de expiação e, excepcionalmente, de missão.

O contingente, o empírico, a situação fática, na cosmovisão mediúnica, surge como sendo o domínio próprio das decisões da Divindade imutável, portanto. Inexplicáveis para e pela razão humana. O equacionável, o mundo racionalmente organizado, é o distante. O racional, justo e perfeito, compreensível em seus estágios e suas mudanças, é o mundo do Além. O ser contingente é propriedade deste mundo do Aquém-Túmulo, como diria Guimarães Rosa. Assim, pois, o princípio da resignação solve a aparente contradição entre o racional e a concepção mediúnica, estabelecendo a dependência do crente aos desígnios da Razão a constituir-se esta a manifestação daquela vontade. Por outro lado, surgindo o racional como algo distante, e do lado da Divindade, o processo de racionalização social, condutor das mudanças sociais, aparece para o comum dos adeptos da mediunidade, como o distante e intocável desígnio da Divindade.

Estabelecer o grau de dependência entre racionalização social e mediunidade, bem como especificar o tipo de relação existente entre estes dois fenômenos sociais que, nas duas últimas décadas, têm sempre estado presentes no desenvolvimento das grandes cidades brasileiras, é tarefa de uma pesquisa, já iniciada, que estuda precisamente este relacionamento no Recife e que, talvez, possamos concluir antes do final do ano.

Livro de Diálogos de Frei Amador Arraiz é analisado em seminário

É um absurdo que livros como os "Diálogos de Frei Dom Amador Arraiz", pela universalidade dos seus conceitos, permaneçam no limbo do quase completo desconhecimento. Foi com o objetivo de tirar do esquecimento a figura e a obra de Frei Arraiz que a Universidade Federal de Pernambuco promoveu uma série de estudos e conferências, dos quais participaram Pe. Romeu Peréa, Ruy dos Santos Pereira e Evandro Onofre.

Salienta o Professor Ruy dos Santos Pereira: "Vivendo num período dos mais difíceis de Portugal, então sob o domínio espanhol, Frei Amador Arraiz sintetizou, em forma de diálogos, como era então usual, a cultura teológica, moral, filosófica e científica do seu tempo".

"Humanista excepcional, soube transmitir, numa linguagem simples e espirituosa, seus conhecimentos sobre os mais variados assuntos".

"Não como mero recipiente do saber alheio, como espelho dos outros, mas sim, como pensador original e admirável observador do comportamento humano. Psicólogo dos maiores, seus comentários e a utilização sempre correta dos fatos históricos abrangem os grandes problemas do homem de todas as épocas".

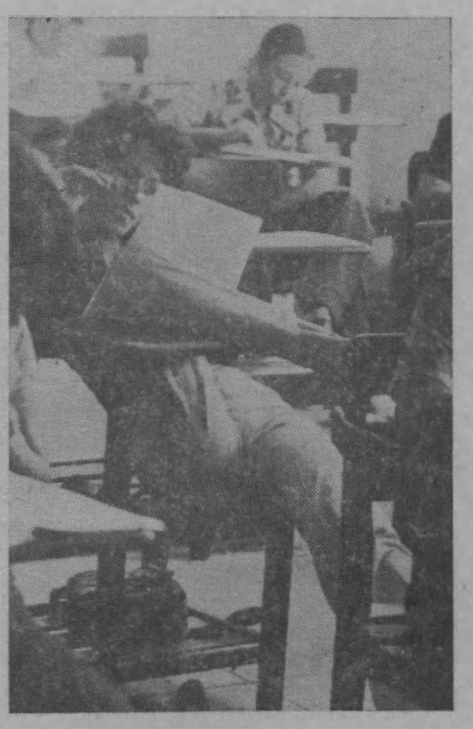
"Tempo do Renascimento, da Reforma e da Contra-Reforma, no qual o Humanismo, pela invenção da Imprensa, permitiu a difusão de conhecimentos de todos os gêneros e graças ao tremendo esforço de formulação religiosa e científica, dotou o homem dos instrumentos para a liberdade, disseminando cultura e idéias".

Ruy João Marques julga tese na U. de São Paulo

A Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo elegeu o nome do Prof. Ruy João Marques, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE, para compor a Comissão Julgadora que deverá apreciar os títulos e as provas do Concurso de Medicina Tropical e Dermatologia, na disciplina de Moléstias Infecciosas e Parasitárias a realizar-se naquela Faculdade em outubro.

Ao lado do Prof. Ruy João Marques estarão os Professores Luiz Venere Décourt, José Rodrigues Coura, Miroslau Constante Baranski, sob a presidência do Prof. Antonio Barros de Ulhôa Cintra.

A comunicação da escolha do nome do Prof. Ruy João Marques foi feita pelo Prof. Carlos da Silva Lacaz, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo



Conflito de GERAÇÕES

Repentinamente se deu a mudança, que alcançou a instituição da família como um todo: as mulheres trabalham, as filhas moças estudam ou trabalham em condições iguais às dos rapazes, os filhos se tornam independentes bem mais depressa que antigamente. Ao mesmo tempo, os jovens parecem ter criado um mundo à parte, com sua linguagem característica (suas gírias), suas roupas extravagantes e seus cabelos compridos ou encaracolados. E, para completar, os filhos menores passam grande parte do dia grudados na televisão, recebendo toda sorte de informações que, muitas vezes, deixam perplexos os próprios pais.

O conflito de gerações se reacende: os jovens de hoje parecem saber mais do que os mais velhos. Seus pais estão ultrapassados, são "quadrados", não compreendem os novos tempos. a nova moral que tomou de assédio o mundo em menos de 20 anos. Há um choque de valores, um confronto de idéias, em que muitos vêem sinais de crise da sociedade como um todo e outros apenas uma salutar renovação, um caminhar para maior liberdade e amor no relacionamento entre pais e filhos.

Alguns teóricos defendem que o conflito de gerações é evitável, sendo necessária somente uma maior abertura das gerações mais velhas ao que surge de novo, ao questionamento de seus valores. Para outros, é inevitável, sendo que para os que adotam a posição de Freud, por exemplo, um processo biologicamente condicionado.

De acordo com Freud, o conflito de gerações é biológico. Para ele, em uma das fases do desenvolvimento da personalidade, a criança é levada a amar o genitor do sexo oposto e a odiar o do mesmo sexo: uma criança do sexo masculino ama sua mãe e odeia o pai. enquanto a do sexo feminino ama o pai e odeia a mãe. É o famoso complexo de Édipo, nome que Freud retirou da conhecida tragédia grega.

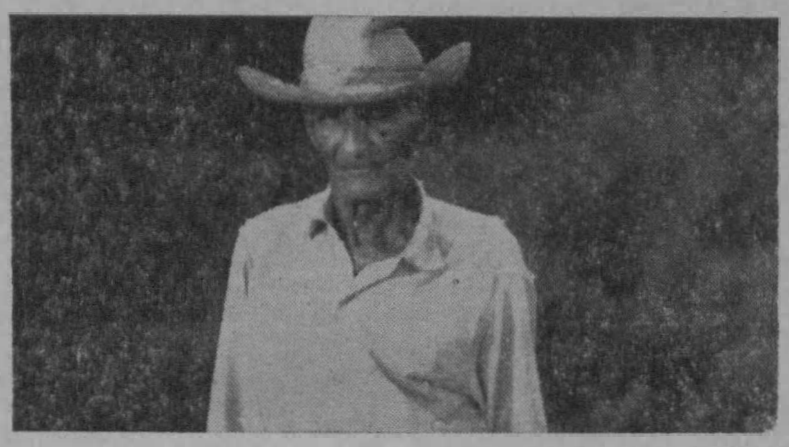
Ainda segundo Freud, o complexo de Édipo é a chave da compreensão do psiquismo adulto, podendo marcar demasiado certas pessoas, levando-as ao desajustamento e à neurose. No entanto, todos os homens e mulheres, mesmo os mais sadios, passaram pela fase edípica, amando o genitor do sexo oposto e odiando o do mesmo sexo.

Freud criou sua teoria da civilização baseado no complexo de Édipo, de sorte que o conflito de gerações, para ele, é inevitável e biologicamente condicionado. Até mesmo as religiões, na perspectiva freudiana, são reflexos do complexo de Édipo, quando os deuses em geral se apresentam, ao mesmo tempo, como protetores e agentes de castigo, refletindo a imagem que a criança faz dos pais.

Recentemente, o filósofo Herbert Marcuse retomou as idéias de Freud e quis dar-lhes conotações políticas, chegando a influenciar jovens radicais da década de 60. Por mais questionáveis que sejam as idéias de Marcuse, ele não deixa de ter certa razão quando afirma: "Em nosso tempo, os papéis no conflito de gerações se inverteram; hoje, os filhos têm mais a ensinar aos seus pais que o contrário".

Temos de concordar que os jovens de hoje sabem mais do que os de antigamente, e são mais bem informados e são ao mesmo tempo mais rebeldes e irreverentes para com seus pais e os mais velhos. Foi uma mudança gradativa, iniciada na década de 50, chegando ao auge na década de 60 e, em nossa década, considerada um fato consumado.

Quais os principais fatores dessa mudança? O que mais influência o conflito de gerações, o condicionamento biológico, como queria Freud, o boom dos meios de comunicação ou a etapa histórica que vivemos, quando todos os valores são questionados?



NÃO É INEVITÁVEL

O conflito de gerações não é inevitável. Esta a opinião da Professora e Pesquisadora (diplomada em Pedagogia, com Mestrado em Psicologia) Analúcia Schliemann. Tudo depende das próprias pessoas, pois há grupos onde o conflito desaparece, desde que a geração anterior tenha suficiente abertura, haja aceitação das inovações e desapego a valores ultrapassados.

Segundo a Profª Analúcia, o que leva os jovens a questionar os valores dos mais velhos é que há nos jovens uma necessidade de inovação mais forte que naqueles e as próprias mudanças das instituições fazem com que eles estejam à frente do questionamento, por ainda estarem iniciando sua vida, ainda abertos e por isso mais descompromissados para questionar.

É pela necessidade de inovação que os jovens criam suas gírias, diz a Profª Analúcia, procurando com isso criar uma forma nova de expressar-se. O resultado é que criam quase uma nova língua. O que não deixa de ser produtivo, acha a Professora, pois todas as modificações que se fazem numa língua contribuem para a evolução da mesma, inclusive a gíria: há gírias antigas que hoje estão em todos os dicionários.

Apesar das mudanças, a instituição da família não está em crise, na opinião da Professora, mas evoluindo para uma nova forma, melhor que a anterior. Tudo se resume em questão de valores: talvez só aparentemente a família há algum tempo estivesse mais bem estruturada; hoje há mais liberdade em todos dizerem o que sentem, por isso surge a aparência de crise. Analúcia Schliemann cita, como exemplo, o desquite. Existe atualmente uma proporção maior de desquite, mas não são novas causas que a provocam, são as mesmas de antigamente, somente hoje se tem a coragem de ir até o desquite; hoje as coisas aparecem mais claramente.

Na sua opinião, os jovens de hoje não são mais rebeldes e inconformados do que antigamente. Simplesmente, as formas de mostrar a rebeldia mudaram; para cada geração parece mais rebelde a mais recente, porque compara com a geração anterior. A rebeldia dos jovens é permanente.

O PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO

Solange Souto é Doutora e Livre-Docente em Sociologia, Coordenadora Geral do Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia da UFPE. Do ponto de vista sociológico, a Profª Solange define conflito de gerações como "qualquer processo agudo de distanciamento causado pela consciência acentuada de dissemelhança entre sentimentos, idéias e volições de pólos sócio-interativos constituídos por pessoas de faixas etárias tipicamente distintas".

A sociedade atual atravessa uma crise de valores, na sua opinião, porque boa parte dos valores do passado se tornaram inadequados para resolver necessidades e problemas das sociedades modernas. Assim, os jovens de hoje são mais inconformados e rebeldes do que os de antigamente, porque antes as distâncias sociais entre os grupos etários diversos se faziam menores, pois havia menor consciência das dissemelhanças entre eles, apesar destas serem, em geral, mais agudas do que hoje em dia".

Solange Souto não concorda com quem diz que hoje os pais têm mais a aprender com os filhos do que o contrário. Diz ela: "Há que separar o conhecimento adquirido informalmente do conhecimento formalmente aprendido. Quanto a este último, um filho poderá em muito superar os seus pais. Porém, bem mais dificilmente isso pode ocorrer quando se trata do chamado "saber de experiência feito".

O PONTO DE VISTA HISTÓRICO

Para o Prof. Potiguar Figueredo Matos, Chefe do Departamento de História da UFPE, "cada geração possui uma certa tendência narcisista. Procura sempre se definir singular. O conflito de gerações é uma constante histórica e expressa uma realidade bio-sociológica insofismável. Temos de contar com ele para a compreensão do histórico".

A sociedade atual, na sua opinião, atravessa uma crise de valores. A Revolução Técnico-Científica descortinou novas perspectivas para o homem, diz ele, de sorte que o sistema sócio-econômico que a condicionou, esgotou-se. "Estamos no limiar de um dia diferente... dia ou noite?", são suas palavras.

Nossa época lembra, — sublinha o Prof. Potiguar Matos, — a aurora do Cristianismo crescendo sobre a agonia pagã. "O Império roído por vícios internos insanáveis, perdeu a capacidade de nuclear e responder às exigências sociais. Os bárbaros partilharam um cadáver. O Império havia morrido de um "cisma d'alma", para usar uma imagem de Toynbee".

A década de 60 — admite — não teve a importância que em geral lhe dão. "A década de 60 foi, apenas, uma etapa de um processo iniciado com as ruturas políticas, econômicas e sociais que 1930 ensejaria e a que a segunda Guerra Mundial daria maturidade".

Quais os fatores sócio-econômicos que condicionaram as mudanças que hoje conhecemos? "Diria que o fator social mais importante é a transformação da mulher, provocando uma redefinição do estatuto familiar. E, no terreno econômico, a consciência do subdesenvolvimento, de envolta com a luta contra os privilégios e a aspiração de igualdade".

A OPINIÃO DE UM PAI

O Sr. Manuel Matias da Costa, 61 anos de idade, pai de seis filhos, destaca o fato de que todos os de sua geração sofreram um violento impacto, causado pelos terríveis efeitos da segunda Guerra Mundial.

"Já a partir do fim de 1945, a família brasileira se ia esquecendo dos efeitos trágicos da guerra, porém começaram a surgir as influências dos costumes e hábitos estrangeiros. Não quero dizer que estes costumes e hábitos foram negativos, porque, afinal de contas, procederam de nações de nível intelectual, social e tecnológico muito mais elevados que os nossos. Depois, o rádio, a televisão e também o esporte, no meu modo de ver, contribuíram para a mudança".

O Sr. Manuel Matias acha que os filhos de hoje sabem demonstrar mais amor pelos pais. "Toda pessoa de bom senso e que conheceu a juventude do meu tempo, há de convir que os filhos de hoje demonstram muito mais amor pelos pais. A diferença dos de minha geração é que os filhos de hoje amam espontaneamente e aqueles de gerações passadas eram, em parte, compelidos a amar pela autoridade dos pais".

Quanto à mudança dos costumes e da moral, tem a dizer que "os costumes, em alguns aspectos, mudaram para melhor e a moral, para pior. Somente com o ensino religioso nas escolas a moral poderia retomar melhores perspectivas".

O Sr. Manuel Matias é otimista e não gosta de ser considerado "quadrado": "O jovem está sempre à espera de perspectivas novas. Gosto de ficar do lado dos jovens".

Medalha do Mérito é outorgada ao Pró-Reitor Rubens de Souza

O Pró-Reitor Rubens de Souza recebendo a Medalha

Entre as personalidades agraciadas com a Medalha do Mérito Universitário, destaca-se o Pró-Reitor de Apoio Administrativo, Dr. Rubens de Souza. Ele a recebeu pelo seu exemplar desempenho no serviço público. O Reitor Paulo Frederico do Rego Maciel destacou as qualidades do Dr. Rubens de Souza, durante a cerimônia em que lhe foi conferida a Medalha, salientando que ele bem poderia servir de exemplo a quantos ingressam ou pretendem ingressar no serviço público. O homenageado sempre pautou sua vida pela dedicação e critério em todas as atividades exercidas, respaldando-se também na simplicidade.

Rubens de Souza nasceu em Recife a 23 de fevereiro de 1923. Sua iniciação escolar ocorreu numa escola particular em Tejipió. De 1936 a 1940, realizou o curso ginasial no Liceu Pernambucano, hoje Colégio Pedro Augusto. Dois anos depois concluía, no Colégio Oswaldo Cruz, o curso pré-jurídico. E, finalmente, terminava o curso de direito em 1948, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, sendo inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, secção de Pernambuco.

Mas, antes mesmo de vir a ser bacharel, o atual Pró-Reitor da UFPE já entrara para o serviço público. Uma portaria do Secretário da Fazenda do Estado de Pernambuco o nomeava para exercer a função de auxiliar de escrita naquela Secretaria. No referido cargo, porém, só permaneceu cinco meses, pois logo foi nomeado para o cargo de escriturário da mesma repartição — no qual permaneceu durante quase dois anos.

E, no mesmo ano em que adquirira o grau de bacharel em direito, ingressava no serviço público federal, atendendo a portaria do Magnífico Reitor Joaquim Amazonas. Iniciou como auxiliar de escrita, mas logo foi nomeado para exercer efetivamente a função de tesoureiro auxiliar. Permaneceu no cargo até o ano de 1956, quando foi designado representante da UFPE no Conselho Fiscal da Casa do Estudante de Pernambuco.

Em 1959 foi indicado para supervisionar os serviços de transporte, almoxarifado e portaria e fiscalização do "ponto" da Reitoria. Cinco anos depois, era o responsável pela assinatura dos boletins de implantação da Reitoria para a Delegacia Fiscal.

Em 1966 o Recife era assolado por uma grande enchente. Constituída uma comissão encarregada do atendimento aos servidores atingidos pela catástrofe, o Dr. Rubens de Souza era um dos seus componentes. No mesmo ano exerceu a função de assessor jurídico e contábil do Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE), no expediente da tarde, sendo dispensado a pedido.

Em 1969 o Magnífico Reitor Marcionilo de Barros Lins o designava para exercer em comissão, símbolo 5.C, o cargo de prefeito da Cidade Universitária. Ali ficou até 1971, tendo efetivado estudos com a finalidade de solucionar o problema dos ônibus da Universidade.

A partir de 1971 passou a ocupar o cargo de Assessor Administrativo e Financeiro da Pró-Reitoria para Assuntos Regionais e Intercâmbio Científico. Classificado no importante cargo de Procurador Jurídico da Universidade, em 1975, o Dr. Rubens de Souza teve, para isso, de se submeter a renhidas provas de qualificação oral e escrita.

Logo que empossado Reitor, o professor Paulo Maciel o conduziu para a Pró-Reitoria de Apoio Administrativo da UFPE, reconhecendo, sobretudo, as altas qualidades de administrador demonstradas por este fiel servidor público.

Cursos

Além do concurso para Procurador Jurídico, o Dr. Rubens de Souza ainda realizou o Curso de Treinamento dos Agentes da Reforma Administrativa; o Curso de Técnica de Chefia e, finalmente, o Curso de Treinamento realizado na Procuradoria da Universidade.

Reitor admira cultura eclética do Pe. Peréa e entrega medalha

Pe. Romeu Peréa agradece a Medalha

Durante a cerimônia de outorga da Medalha Marquês de Olinda, do Mérito Universitário, ao Pe. Romeu Peréa, o Reitor Paulo Maciel destacou a coerência do homenageado: "como teólogo ilustre; filósofo do mesmo porte; historiador; homem de letras. Entretanto, o que mais o exalta é coordenar tudo isto em torno da sua escolha fundamental, que é o sacerdócio".

Lembrou o Prof. Paulo Maciel o salmista: "Serás sacerdote, eternamente, segundo a ordem de Melquisedec". E Melquisedec consagrou o sacerdócio de Abraão e distribuiu as primícias quase evangélicas, antecipando-se ao sacerdócio de Cristo. Quem é sacerdote é professor. Assim, o Pe. Peréa já era mestre antes de ser professor em todos os setores das humanidades.

HUMANISMO

Mereceu também análise o que ele chamou de intuição do Pe. Peréa na reposição de um novo humanismo, na Universidade. "A Espanha de hoje retoma em outros e característicos modelos, a Espanha fiel, a Espanha dos grandes místicos; parece reencontrar a fé que era só crença no homem. Por isso, este padre inteligente buscou os grandes místicos e, na tradição católica de Dionísio Areopagita, foi colher o máximo do pensamento espanhol que, neste ponto, é ápice do pensamento mundial: Tereza D'Avila, João da Cruz, Frei Luiz de Leão e Miguel de La Fuente. Ele colocou-os como inspirações para um novo momento.

Aí está um homem de fé; um homem atual, sem ser moderno. Este padre sofreu, saiu da "via crucis" e voltou a ensinar, tornando-se um modelo inteligente de teólogo ibérico, fiel à sua Espanha que está no eixo da sua própria cultura, que é a mística, e fiel ao Brasil, nas doações a Pernambuco, há quase 40 anos".

SAUDAÇÃO

Coube ao Professor Lucilo Varejão, do Departamento de Letras, fazer a saudação oficial ao Pe. Romeu Peréa, em nome do corpo docente da Universidade. O orador fez questão de evocar "as sombras que constituem o séquito que acompanha, pela vida afora, todo aquele que, entre os livros de sua biblioteca, ou nas salas de aula, ou ainda, nos salões de conferências, tem a missão de ressuscitar os mundos mortos".

Reportou-se, o Prof. Lucilo, ao conto de Tolstoi em que, à hora da morte de um escritor, personagens numerosos de seus contos e romances fazem-se presentes e o acusam das dores físicas ou morais por que a imaginação criadora do artista os fizera gratuitamente passar. De tais pesos na consciência estaria livre o Padre Romeu, posto que, não sendo ficcionista, não tinha necessidade de maltratar personagem nenhum.

Os fantasmas presentes, naquele instante de júbilo intelectual, seriam os fantasmas benévolos dos homens e das mulheres que, ao longo dos séculos, compuseram a História da Espanha, berço do Pe. Peréa; eram os íberos que formaram o substrato étnico da raça espanhola; eram milhares de romanos vindos da Itália, como conquistadores; eram as testas coroadas de Fernando, de Israel, de Felipe II; eram Colombo, Teresa, a Grande, São João da Cruz, Frei Luiz de Leon...

Lembrou a figura jovem do Pe. Peréa, espanhol de origem, formado em Filosofia e Teologia, pelo Colégio Internacional de Santo Alberto, em Roma, o qual resolvera, um dia, atravessar os mares e ganhar, com ardores missionários, o Brasil, que se tornou sua segunda pátria.

TESTEMUNHO

Depois de realçar outros pontos, o orador disse que os membros do Conselho Universitário, os colegas do Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação e de outros setores da Universidade, os amigos e admiradores do Pe. Peréa, naquele momento, queriam, apenas, dar-lhe público conhecimento da admiração e do agradecimento pelo seu imenso labor, em favor de uma visão integral do homem e do sentimento da Eternidade, que deve impregnar esta transitória existência terrena".

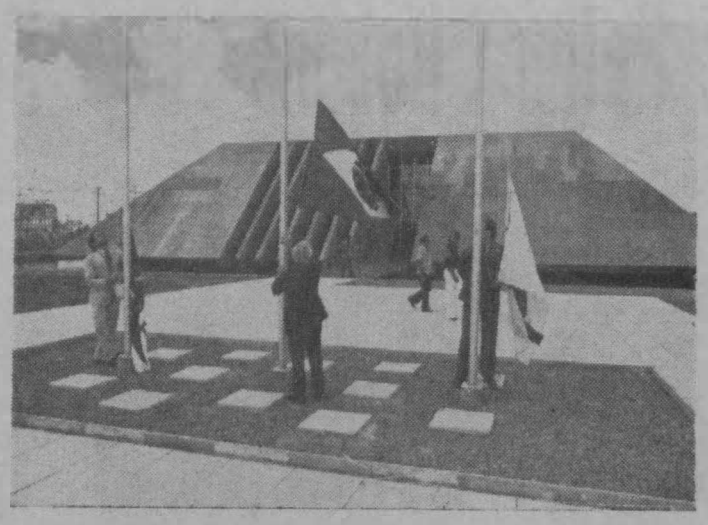
AGRADECIMENTO

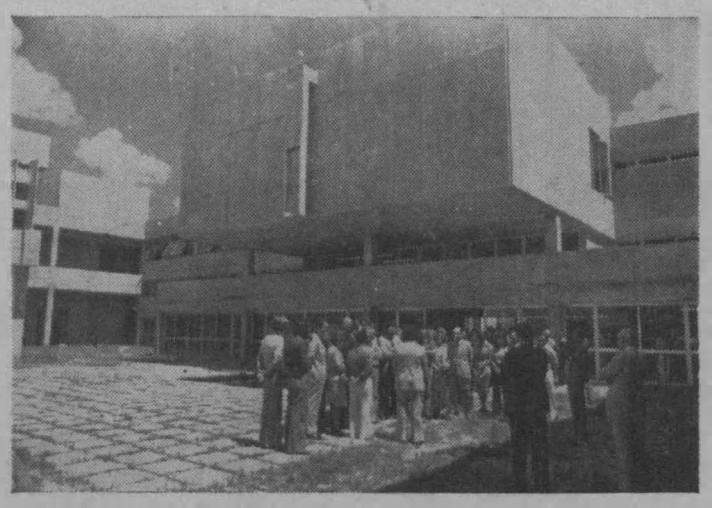
Ao agradecer a homenagem, Pe. Romeu Peréa sublinhou que vivia um momento feliz. "Feliz e oportuno, porque chega no ocaso de uma vida que se está aproximando do fim, pois, na realidade, sinto-me cansado na marcha que, certamente, terá de continuar até o cair da tarde, quando, cada um será julgado não pelo que fez, ou deixou de fazer, mas pelo amor que colocou no pouco ou muito que realizou".

Depois de reportar-se a várias pessoas, servidores e professores da UFPE, enfatizando, no entanto, a equipe da Editora Universitária, sob o comando do Prof. Merval Jurema, Pe. Peréa declarou:

"E, agora, para terminar de cobrir meu débito, as palavras finais: não é segredo para ninguém que é ao Prof. Paulo Maciel — antes de ser Reitor — que se deve, na sua gênese, o movimento que, avolumando-se e tomando forma, terminou nesta verdadeira mas imerecida glorificação (reportava-se à outorga da Medalha). Foi ele, com efeito, como diriam os antigos escolásticos, a causa causae, pois foi ele quem, com a intuição que o caracteriza, viu de longe o fio de água transformar-se em riacho, com possibilidades de transformar-se, mais tarde, em caudaloso rio, agora em marcha presente, recebendo, no seu leito, as águas límpidas e puras das inteligências mais privilegiadas da Europa — de Paris, Roma, Salamanca — refletidas nos volumes publicados sobre os maiores místicos da História da espiritualidade, na bilenária vida da Igreja, e, por uma coincidência feliz, das maiores figuras da cultura universal, na opinião insuspeita de Hipólito Taine que, como sabeis, não era um Santo Padre.

"Recebo esta Medalha que, por ser una e indivisa, não posso dividir em partes iguais, como gostaria e deveria, entre todos aqueles que colaboraram comigo, como diria São Paulo, com verdadeiro orgulho, por uma parte, pois a considero, com palavras que tomo a Schopenhauer (Eudomologia, IV) como uma verdadeira Letra de Câmbio gira sobre a opinião pública. Letra que tem seu valor no crédito do sacador, neste caso, no da Universidade, e este, eu sei que, mercê de Deus, é grande, na praça, isto é, no consenso favorável das restantes Universidades brasileiras, sobretudo pelo seu elemento humano que, creio, não teme confronto em todo o País".





Homenagem aos mais antigos nos 30 anos da Universidade

Por ocasião das comemorações de mais um ano de vida da Universidade Federal de Pernambuco, 11 de agosto, o professor Paulo Frederico do Rego Maciel, Reitor da UFPE, procedeu a duas importantes inaugurações — a do Centro de Artes e Comunicação e a do Centro de Processamento de Dados, além de ter feito a entrega de medalhas a pessoas que se distinguiram trabalhando pela Universidade.

Núcleo

O Núcleo de Processamento de Dados continuará desenvolvendo, tanto no âmbito da Universidade como no da comunidade, atividades diversas no campo do ensino (extensão, graduação e pós-graduação), pesquisa e serviço (administrativos, técnico-científicos).

Embora não seja o Núcleo uma unidade específica de ensino, funciona, no entanto, como um laboratório natural para as aulas práticas das disciplinas de conteúdo envolvendo estritamente assuntos de ciência da computação, ou que necessite do apoio da computação para levar a termo seus objetivos.

Assim é que, utilizando os dois sistemas de computação eletrônica instalados no Núcleo, ou seja, o IBM-1130 e o Burroughs B-500, principalmente o primeiro sistema, continuarão sendo proporcionadas as aulas práticas de antes.

Metas

Dentre as próximas metas a serem atingidas pelo Núcleo, é fácil destacar a de tentar difundir em outros departamentos da UFPE as técnicas da computação eletrônica de dados, mostrando as necessidades que terão disto bem como as vantagens que poderão advir.

Artes e Comunicação

No Centro de Artes e Comunicação, um belo e vasto prédio instalado próximo ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, funcionarão os cursos de graduação em Arquitetura, Letras, Desenho Industrial, Comunicação Visual, Biblioteconomia, Licenciatura em Educação Artística e Licenciatura em Desenho e Plástica. Também funcionarão os mestrados em Letras e Desenvolvimento Urbano. Mas, já em seus inícios, está sendo ministrado um Curso de Especialização, Restauração e Conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos, num gesto que muito provavelmente será louvado por aqueles que lutam pela preservação da memória nacional.

Zildo Caldas, diretor do Centro de Artes e Comunicação, espera que, dentro do mais breve espaço de tempo, todos os cursos estejam funcionando da melhor maneira possível. Por enquanto, ele procura dar conta das imensas tarefas que desabaram sobre as suas costas, por ocasião da transferência dos cursos, que antes funcionavam no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Medalhas

Na tarde do mesmo dia, o Reitor Paulo Maciel fez entrega de medalhas a pessoas que, durante muitos anos, vêm trabalhando ativamente pelo progresso da UFPE. A cerimônia, realizada no Auditório Reitor João Alfredo, contou com a participação de todos os membros do Conselho Universitário, além de funcionários e alunos da UFPE.

O professor Paulo Maciel proferiu palavras de louvor a todos os agraciados, que, "sem medir esforços, tanto fizeram pelo engrandecimento da nossa Universidade"

Com a Medalha Reitor Joaquim Amazonas foram distinguidos os funcionários Rubens de Souza, que exerce as funções de Pró-Reitor de Apoio Administrativo, e Walter Rodrigues dos Santos. E, finalmente, com a Medalha Marquês de Olinda, o ex-senador Aurélio Viana e o professor Frota Moreira. Todos agradeceram.

Aplausos das autoridades às comemorações

Ao ensejo das comemorações do 30º aniversário de fundação da Universidade Federal de Pernambuco e 150 anos de criação dos Cursos Jurídicos no Brasil, o Reitor Paulo Maciel recebeu votos de congratulações de várias autoridades brasileiras, entre elas o prefeito do Recife, Antônio Farias, ex-reitor da UFPE, Murilo Guimarães, presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco, industrial Túlio Brandão Mattos, Coordenador do Programa Nacional dos Centros Urbanos, professor Marcus Vinicius Vilaça e Reitor da Universidade de Pernambuco, professor Antônio Figueira.

Do prefeito Antônio Farias: "Congratulo-me Vossa Magnificência transcurso trigésimo aniversário essa universidade".

Do ex-reitor Murilo Guimarães: "Cumprimentos 30º aniversário e meus respeitos votos sucessos continuados sua administração".

Do presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco, sr. Túlio Brandão: "Ocasião comemoração sesquicentenário Faculdade de Direito do Recife queira Vossa Magnificência receber congratulações dos que fazem esta Federação e indústria pernambucana".

Do Coordenador do Programa Nacional dos Centros Sociais Urbanos, professor Marcus Vinicius Vilaça: "Receba eminente reitor os cumprimentos deste Programa na data de hoje e referência histórica e sentimental de conquistas do pensamento brasileiro, sobretudo no campo social".

Do reitor da Universidade de Pernambuco, professor Antônio Figueira: "Quero transmitir meu nome pessoal e FESP/Universidade Pernambuco, felicitações passagem trigésimo aniversário importante instituição cultural brasileira".

Recebeu, ainda, as seguintes felicitações:

Do diretor do Instituto Euvaldo Lodi, professor Adélio Vasconcelos de Andrade: "Sesquicentenário fundação cursos jurídicos de Pernambuco, justo motivo orgulho sua gestão o Instituto Euvaldo Lodi congratula-se com Vossa Magnificência por tal evento".

Do diretor da Rede Globo/Pernambuco, jornalista Paulo César Ferreira: "Congratulações Rede Globo mais um ano dessa entidade em prol da cultura nordestina".

Mestre exorta os 150 anos de glória da F. de Direito

A exaltação do Ministro Djaci Falcão ao sesquicentenário da Faculdade de Direito, em cerimônia realizada no local (Mosteiro de São Bento) onde foi ministrada a primeira aula de Direito

"A Faculdade de Direito do Recife é uma tradição, uma legenda, um símbolo. Comemora em breve o seu sesquicentenário, com as justas homenagens que lhe são tributadas. Conserva o mesmo nome de sua história, que a fúria demolidora dos reformistas não pôde modificar".

São palavras com que o professor Pinto Ferreira inicia o seu artigo "História e Grandeza", publicado no DIARIO DE PERNAMBUCO de 11 de agosto, por ocasião dos 150 anos de idade da tradicional Faculdade de Direito do Recife. Ao sancionar a Carta de lei de 11 de agosto de 1827, cinco anos após a independência política do Brasil, o imperador D. Pedro I acabava de elaborar o diploma criador de duas faculdades (ou dois cursos jurídicos) em São Paulo e em Olinda.

Instalado solenemente em 15 de maio de 1828, no Mosteiro de São Bento, o curso jurídico de Olinda tinha somente 9 cadeiras, funcionando com nove lentes proprietários e quatro lentes substitutos. Em 1854 o curso foi transferido para o Recife, instalando-se num pardieiro da Rua do Hospício, de onde saiu em 1912 para o belo palacete onde hoje tem a sua sede.

Bevilacqua: nome alto

Mas a Faculdade de Direito do Recife lembra nomes inesqueciveis. O Professor José Luiz Delgado afirma que ninguém pode esquecer, por exemplo, o quanto Clóvis Bevilacqua fez pelo engrandecimento daquela instituição. Mas lamenta, por outro lado, o injusto esquecimento em que mergulhou o nome de tão significativa figura. Ele diz que os dois volumes que contaram, em 1927, a história da Faculdade, omite o fato de Bevilacqua ter sido um de seus mais diligentes e zelosos bibliotecários. Para Delgado, também é injusto o silêncio que pairou sobre o papel representado por Bevilacqua na Revista Acadêmica. Uma revista cujo sucesso deve ser debitado à extrema dedicação do grande jurisconsulto — assegura Delgado, que o considera um verdadeiro "espírito franciscano".

Direito ameaçado

O Professor Nilo Pereira, cujo livro **A Faculdade de Direito do Recife: 1927-1977 (Ensaio Biográfico)** sairá dentro em breve pela Editora Universitária, acredita que "o grande papel da Faculdade de Direito, hoje, ainda é de certo modo o de ontem, respeitadas as circunstâncias históricas, os fatores de tempo e de espaço". Ele fala da importância da Faculdade de Direito do Recife num tempo em que "o Direito está ameaçado, como tudo quanto é criação social em face desse processo vertiginoso que põe à prova o mundo moderno".

Águia real

Renomados estadistas do Império passaram pelos corredores da Faculdade de Direito do Recife. Por exemplo, o Barão de Cotegipe, Nabuco de Araújo, o Visconde do Rio Branco, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco. Assim, Pinto Ferreira concede especial importância à história da Faculdade. Para ele, ela registra toda uma legenda de saber humanista, ao mesmo tempo em que ninguém pode esquecer as lutas que empreendeu pela emancipação da cultura e pela defesa da liberdade. A Faculdade "não é a bela adormecida dos contos de fada", e sim, "a águia real".

Convidados

O Ministro Armando Falcão, da Justiça, foi uma das personalidades convidadas para a festa do sesquicentenário da Faculdade de Direito do Recife. Ele proferiu controvertida palestra sobre a democracia no mundo de hoje. O Ministro Djaci Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Federal, presidiu a sessão solene. Mas, também convidados, compareceram o vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Thompson Flores, e o Governador do Estado, Moura Cavalcanti

caderno
LITERÁRIO

N.° 1 RECIFE
SETEMBRO 1976
JORNAL
UNIVERSITÁRIO

Literatura marginal, uma opção

Para o escritor Osman Lins, o jovem intelectual brasileiro não deve nem pode fazer concessões aos editores, publicando os seus próprios livros. Considera que cada vez que um escritor estreante financia a publicação do seu livro está tirando o peso da consciência de pessoas que, por suas próprias funções, são obrigadas a lançá-los. Dessa forma, a publicação do livro, ao invés de representar uma "glória", passa a significar um novo problema: o dos editores estarem sempre com certeza de que, de uma forma ou de outra, sem precisarem de sua ajuda, os jovens publicarão os seus livros.

No entanto, o conselho do autor de "Avalovara" não é ouvido no Brasil. Em todo o País, emergindo com uma forma incrível, como se estivessem famintas de devorar as publicações oficiais, surgem as edições chamadas marginais. "Estamos com pressa. Não é mais possível esperar pelos editores oficiais", afirma a poetisa Lea Teresa Lopes, autora do livro "Rocambole", publicado por conta própria. Ela não acredita, por isso, que tenha tempo de escutar o conselho de Lins.

Na sua pressa e na sua agonia, Lea vê-se dessa forma: "Sou uma mulher de vinte anos, viúva, mãe de duas crianças belas, poetisa, sem emprego, com complexos de inutilidade social". E diz, ainda, que "ser artista é ter que rebolar muito em torno da vida, sendo ele, o artista, o próprio torno".

Em Curitiba, o escritor Reinoldo Atem considera que "a função do produtor de literatura, hoje, não é apenas a de produzir literatura, mas também a de organizar a cultura literária, através de editoras, debates, encontros, correspondência ativa". Dessa forma, Atem cria, talvez até inconscientemente, uma nova expressão para o escritor; isto é, modernamente, ele deve ser considerado um "produtor de literatura". Cria, assim, a possibilidade de um debate.

No entanto, o debate começa mesmo a partir da definição que se deva dar a escritores como Walt Whitman, que já há muito tempo, escrevia seus livros de poesia, imprimia-os e depois saía vendendo-os pelas ruas, numa carrocinha. Dessa forma, a Whitman não se pode empregar o rótulo apenas de poeta, mas, como quer Atem para os escritores modernos, de produtor de literatura.

Quem é "marginal"?

A publicação dos chamados "livros marginais" não se constitui, porém, rigorosamente, numa novidade. Os brasileiros sempre foram um pouco apressados e deixaram de aguardar o "imprimatur" dos editores. É o caso, por exemplo, de um José Lins do Rego, que financiou a publicação do seu primeiro livro, assim como aconteceu com João Guimarães Rosa. Mais tarde, consagrados, venderam edições e mais edições de livros publicados pela Livraria José Olympio Editora, uma das mais fortes do País.

Assim, é possível que José Lins e Guimarães Rosa possam ser classificados, pelo menos na época do lançamento, de escritores marginais? A resposta imediata é "não". E vai a explicação:

A chamada "literatura marginal" não se caracteriza apenas por ter sido publicada pelos seus próprios autores. Há uma implicação maior: as poesias "marginais" são escritas de forma contundente, numa linguagem quase coloquial, agressiva e da maneira como é captada no cotidiano. "Aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexo entre poesia e público", afirma Heloísa Buarque de Holanda, organizadora da antologia **26 poetas hoje**, publicada mês passado no Rio de Janeiro.

Os primeiros

Embora a sua linguagem seja menos agressiva e mais criadora do que a dos seus colegas de "marginalidade", um dos primeiros "poetas marginais" do Recife foi Marconi Notaro Ferreira, surgido nos fins da década de 60. Em 68 ele publicou "Poesias, Sorrisos e Lágrimas" e dois anos depois "Por Acaso no Ocaso". A preocupação central do seu trabalho é a captação do cotidiano amoroso, dos diálogos nos bares, das conversas desencontradas. Prepara agora um novo trabalho "Fungus", que deverá estar nas bancas nos próximos dias, valorizado agora pela euforia da "literatura marginal" em todo o País.

Outro "poeta marginal" do Recife, cuja obra é publicada com mais humildade — do ponto de vista artesanal — de Marconi, mas cuja força é reconhecida pelos seus colegas do cotidiano, é Juarez Corrêa, autor de "A Loucura ou A Maldição da Lucidez". Este seu livro, publicado pela sua própria editora a "Nordestinal Edições", surgiu em forma de folheto de cordel e os seus 3.000 exemplares foram rapidamente consumidos. Agora ele se propõe a emprestar o título da editora a outros "poetas marginais" que precisem de divulgação.

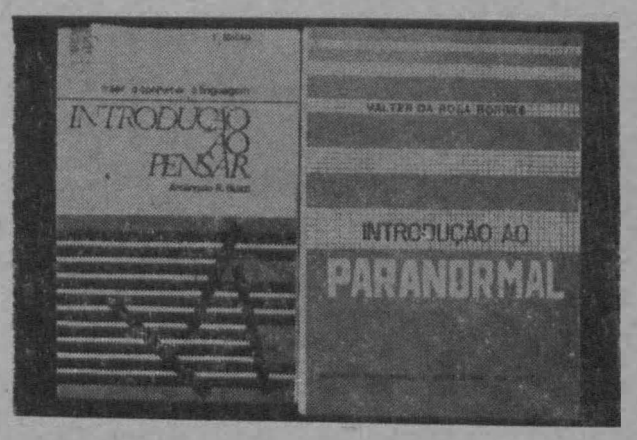
Corrêa trabalha em poesia tipo "beatnik", feita na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde uma das carecterísticas mais fortes é a forma gráfica: as letras maiúsculas não aparecem e sinais gráficos são usados com certa abundância. Por outro lado, a sua poesia prima por dois temas fundamentais: a loucura moderna e a sensualidade das musas criadas pelas grandes empresas cinematográficas.

Continua

É possível que essa febre de "poesia marginal" que tomou conta do Brasil ainda tenha que construir muitos monstros sagrados e, o que não é impossível, possa também mostrar o talento de muita gente boa que, por um motivo ou por outro, não consegue publicar os seus trabalhos nas grandes editoras do País ou, pelo menos, nas editoras oficiais.

No entanto, mesmo quando a febre terminar, a publicação dos "escritores marginais" vai continuar. E vai continuar não como resquícios de um modismo, de coisa passageira. É possível, inclusive, que não tenha a importância, possivelmente histórica, que terá agora. Mas continuará porque o desejo de publicação é da própria índole do escritor.

Catecismo de parapsicologia



Com "Introdução ao Paranormal", o professor Valter da Rosa Borges elaborou um trabalho sem similar em nossa bibliografia parapsicológica, oferecendo-nos, em forma de catecismo, uma catalogação dos fenômenos mais estudados até agora neste domínio.

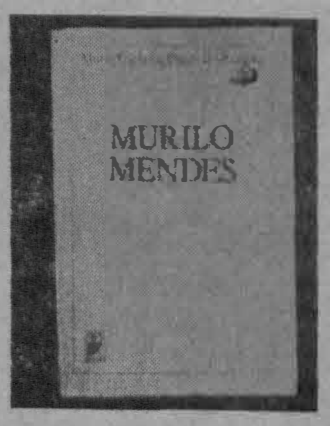
O livro, de grande amenidade de espírito, suavizando o rigor do método adotado, está à disposição até dos maiores leigos no assunto, sem que se trate, por outro lado, de uma dessas famigeradas obras de vulgarização científica.

Uma introdução ao pensar

"Introdução ao Pensar", de Arcângelo Bruzzi (Editora Vozes Ltda., 1975) é das melhores introduções à filosofia publicadas no país. O autor, de linhagem fenomenológica, ou, mais precisamente, heideggeriana, utiliza um tipo de abordagem em que o tratamento levemente poético dos temas adoça as arestas próprias da linguagem técnico-filosófica, além de se constituir num convite para o iniciante no sentido de ajudá-lo a distinguir o ser das suas representações, fazendo-o entender, para além do idealismo e realismo doutrinários, o verdadeiro sentido da filosofia. (A venda na Livro-7)

Murilo Mendes de volta

Depois da antologia poética de Murilo Mendes, organizada recentemente por João Cabral de Mello Neto, o mais importante trabalho sobre o grande poeta brasileiro é o de Maria Lúcia G. Poggi de Aragão, "Murilo Mendes", numa magnífica edição da "Educação e Comunicação Editora — EDUCOM".



A obra apresenta textos de vários livros do poeta, e, além das notas em negrito, após cada poema, a autora, dentro de um estilo ao mesmo tempo leve e penetrante, analisa a trajetória poética de Murilo Mendes e as marcas de influências por ele sofridas, a partir de 22, mostrando, ao mesmo tempo, sua profunda autonomia e sua profunda originalidade que o tornam um dos poetas brasileiros mais representativos de todos os tempos.

(A venda na Livro 7)

Capelão mostra em livro as agonias da vida em cárcere

Memórias de um Capelão de Presídio — é o livro que Frei Romeu Peréa está escrevendo sobre a sua experiência ao longo de 25 anos como capelão da ex-Casa de Detenção do Recife, agora Casa de Cultura.

O argumento principal do livro é a missão da Igreja junto aos presídios, na sua dupla finalidade: a de educadora da pessoa humana e a de evangelhizadora, preocupada unicamente com a salvação da alma de cada um.

Em torno dessa missão, é que o autor terá de ocupar-se das relações dele, como capelão, não somente com os presidiários, como também com todos aqueles que direta ou indiretamente têm alguma responsabilidade sobre os mesmos.

A psicologia do presidiário, qualidades e defeitos; a convivência diária com eles; as falhas da nossa política carcerária; e, por fim, as cenas da vida cotidiano, tristes, umas, alegres, outras, constituirão outros tantos capítulos de Memórias de um Capelão de Presídio.

O autor parte destes dois princípios fundamentais, para elaboração do seu livro: 1 — que o crime não suprime a liberdade e, por conseguinte, não tira a responsabilidade dos atos do presidiário, quer fora, quer dentro do cárcere; 2 — que, assim sendo, o presidiário deve ser tratado como um ser humano, e não como qualquer um outro bicho da escala zoológica.

O livro será editado pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco.

Paulo, você é poeta!

ROMEU PERÉA

Creio que de Paulo Gustavo de Oliveira nem ele, nem ninguém, poderá dizer aquilo que Bocage colocou na primeira quadra de um dos seus sonetos:

Incultas produções da mocidade,
Exponho a vossos olhos, ó leitores,
Vede-as com mágoas, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade, não louvores

Quando, timidamente, veio oferecer-me sua poesia "A morte de Frei Caneca", virei-me para ele e disse: Paulo, você é poeta!

Desconfiado, porém, de meu entusiasmo, levei-a a César Leal, e foi aquele elogio do consagrado mestre da crítica.

Não satisfeito ainda, tomei mais uma outra, que me trouxe, sobre "Érico Veríssimo" e, desta vez, foi Mauro Mota quem, com a sua grande autoridade, no assunto, consagrou-a na sua Agenda

Não necessitava de mais provas...

Convenci-me a mim mesmo de que aquele jovem tímido, à diferença de muitos outros que escrevem versos, era poeta, e por essa descoberta felicitei-me a mim próprio

A Palavra

Eu só vejo na palavra
O embrião do Poema:
Um pouco de terra arável,
Feto humano na placenta!

Eu só vejo na palavra
O corpo do pensamento
Em seu estado de larva
Como coisa semovente

Eu só vejo na palavra
O meu último consolo,
A minha primeira casa,
Misto de alma e corpo.

Eu só vejo na palavra
A extensão dos sentidos:
O comprimento das asas
Para voar sobre abismos!

Caminhos Cruzados

RUI CAMINHA

(A Iracema Lemos)

Cruzaram-se os caminhos..
e a vida ressurgiu
com a mesma paz de outrora
e aquele sentido, exato, de beleza,
que em tudo vemos, quando estamos bem
e nenhuma sombra má nos vem turvar a mente

Se a vida é uma cadeia de alternâncias
e nem sempre são iguais em seus tamanhos
os elos que compõem as suas fases,
aproveitemo-las bem — se favoráveis —
porque, possivelmente, atrás virão as más...

Por trás daquela aparente calmaria,
que emoldurara o quadro de uma vida,
aparentemente feliz e sem tropeços,
se estava formando a enorme tempestade
que, logo, a desabar viria,
sobre inocentes cabeças descuidadas...

Não durou muito aquele pesadelo..
e quando a tempestade arrefeceu,
nada mais restou.. além do nada..
nem mesmo as palhas que cobriam aquela choça,
que tantas vezes abrigou o nosso amor.

Depois..
só o silêncio pairou sobre os escombros

O Peixe

EDUARDO DE LUCENA

"Os rios de Babilônia
correm, e caem, arrastam"

PASCAL

Mergulhou dentro de si, no mais fundo como quem entra num rio:

A superfície, águas límpidas; um pouco mais submerso e elas começam a turvar-se; lá embaixo: uma fétida e negra lama

A si mesmo se enojava

Emergiu e, peixe, resolveu viver à tona d'água, sorrindo para os outros, apavorado consigo

DIOCLÉCIO: ESTRÉIA NO CONTO

Dioclécio Ferreira de Lima é estudante do 4.° ano de Engenharia na UFPE. O presente conto que publicamos revela um sentimento muito sutil do mundo, aliado a uma percepção da linguagem que já denota, em sua estréia, algumas possibilidades interessantes nesse difícil gênero que é o conto.

A hora fatal

Aproximava-se a hora fatal. O tiquetaquear do relógio no corredor deixava-o em suspense. Não conseguia dominar seus neurônios. Suas pernas levavam-no de um lado para o outro da cela — ora obedecendo uma reta, ora uma circunferência, e vezes havia em que a figura geométrica formada era de uma complexidade que fugia ao campo da realidade. Daí a pouco estacava no centro da cela: olhava para o teto úmido, para a lâmpada que o ofuscava e, finalmente, para o chão gasto porém limpo. Suas mãos estavam bastante ocupadas para que pudessem ser chamadas a alguma outra atividade no momento: estavam guerreando — sim, estavam lutando entre si — uma a querer estrangular a outra. Neste momento era como se cada parte do corpo dele tivesse se tornado independente — não havia vínculos, pelo menos conscientes, entre elas: o corpo se libertara da mente.

O sol nasceu. Seus raios de fogo invadem o recinto, queimam o oxigênio — todo ele. O tempo despertado vem buscar o prisioneiro. O homem pensou em esconder-se sob os lençóis, sob a cama, no teto, no buraco no canto da cela, na pequena fissura no cimento — "Sim — pensou — lá eles não me encontrarão. Terão que voltar de mãos e pés abanando. Só queria ver as caras deles quando disserem: "Senhor diretor, o prisioneiro da cela 342 não se encontrava lá — não sabemos onde se acha". E ele ria das suas divagações — agora algo já bastante real. "Então — continuou —, eu passo um mês naquele canto; daí desço, vou até ao portão de ferro e, calmamente como se nada tivesse acontecido, dirijo-me ao guarda que estiver no corredor — deve ser o Getúlio (conjecturou): Getúlio, meu caro, por favor, hoje estou um pouco fatigado e gostaria que você trouxesse o meu jantar a minha cela, tá legal? Ha! ha! ha! — a cara que ele faz —, e sai correndo feito louco, volta acompanhado do diretor e uns dez guardas — dez não, oito —, o diretor vai olhar pra mim — branco — e gaguejar: "Você ..., onde é que você estava?" e eu rindo. Ali ó aponto-lhe a ranhura no cimento, tava o tempo todo ali e ninguém me achou. A cara deles ... Ha! Ha! Ha! O diretor é capaz de gritar com os três guardas: "Seus imbecis! Por que não procuraram direito? Serão rebaixados por isso". E enquanto discutem eu apenas me sento na cama e fico a assistir a comédia. Ha! Ha! Ha! Saem brigando. O último fecha a cela. Os seus passos no corredor, suas vozes ainda me fazem rir. Mas..., espere, eles estão vindo, A hora... — conferiu no relógio —. Chegou a hora! — gritou. Que farei? Não posso deixar que me levem. Não. Já sei! fingirei que estou doente; ou então, assim que abrirem a cela, jogo-me de cabeça contra as grades — será que eles desconfiam...?"

Já não se ouvia mais o relógio do corredor. Três pessoas aproximavam-se. O prisioneiro correu até o canto da cela, vê que isso é inútil. Vem, então até a grade, observa os homens que se aproximam. Está molhado de suor. Corre novamente até o canto, depois salta sobre a cama, arranca-lhe uma lasca de madeira, e de volta à porta de ferro, coloca-a na fechadura. Não satisfeito, rasga os lençóis, retorna à porta, amarra-os com milhares de nós. Tenta, agora, puxar a cama, mas esta é fixa ao solo. De um salto agarra-se às grades da janela do lado oposto — procura algo, nem ele sabe o que é. Deixa-se cair e fica no solo estendido, resfolegando. Cansado — inerte. Sua mente leva-o à esposa que ele havia assassinado — vinte anos haviam se passado. Recorda os amigos do clube, do trabalho, da faculdade, do barzinho da esquina — todos estão ali, vieram buscá-lo. "Vamos, assine mais este contrato — barzinho da esquina — todos estão ali, vieram o que quiser... Veja, sua esposa assim também o quer".

O barulho na grade desperta-o — tinham chegado. Forçam a fechadura, tiram os lençóis, abrem a porta: estão no interior da cela. Seus olhos anteriormente fixos ao chão, descrevendo um ângulo de 180 graus, pousam sobre a face fria-impassível do diretor. Tinha chegado a hora, ele seria libertado, não havia como fugir — não há fugas. "Vamos — diz-lhe o diretor — já passa da hora, seus amigos o esperam lá fora, você está LIVRE...".

Dois poemas de José Montenegro Cavalcante

DANTESCAMENTE

Piso o rosto das trevas, na avalanche
das visões que concebo e que me arrastam
Tropeço nos instantes que são restos
do silêncio que as noites massacraram

Sou atirado longe dos meus gestos,
na voragem dos sonhos que se rasgam.
Rolo de encontro ao muro dos clamores
que se elevam do tempo como chamas

Disperso além de mim, sou pesadelo
de ilusões que o suplício desfigura,
quando os anseios rugem de revolta.

Como evasão de sombras moribundas,
sou pasmo de paixões que se esfacelam,
no mais longínquo abismo dos destinos.

SONETO DO MISTÉRIO

Na paisagem de agora, não me vivo,
tão estranho que sou talvez do sempre.
Impossível que o tempo, em mim, procure
outro rumo diverso além do amor.

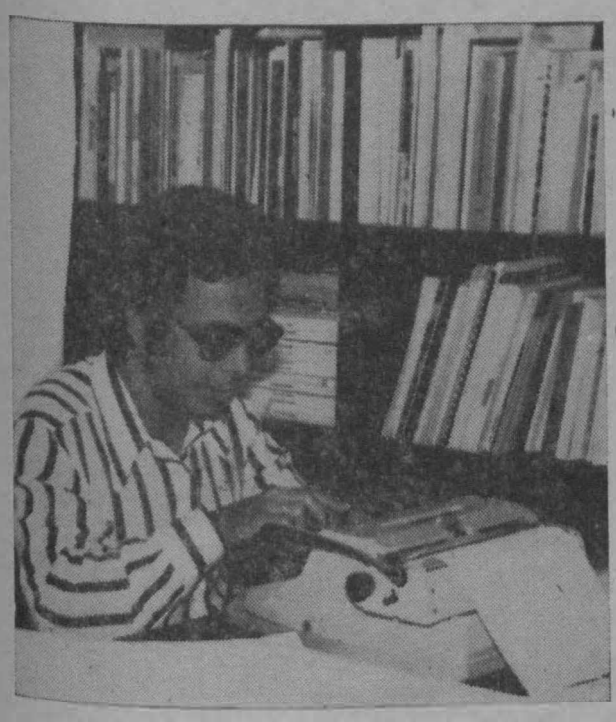
Passo à margem da vida em que não sou,
mas em que sempre quis ter a alma em transe.
Cedo ou tarde, retorno ao que me teve,
para continuar sendo outro em mim.

Sou o que se sepulta, antes das coisas,
para vir renascer, além dos seres
que apenas se eternizam no debalde

Sou e serei assim: aquém das noites
que vão reencontrar-se, para o dia
do que resulto além, lúcido e pleno

VERSO E REVERSO

FRENTE A FRENTE | LADO A LADO
COM A VIDA | COM A MORTE
RUDE EMPENHO | ODIADA SENTENÇA
DE AVANÇAR PARA O DIA COM A FORÇA DO SANGUE | DE CUMPRIR SOB ESCOMBRO A DESORDEM DO CORPO
SEDE ANCESTRAL | ARMADILHA AGARRADA AO DESTINO
TESTEMUNHO DA CULPA | DESTERRO ENIGMA
VERTEBRADO | TEOREMA
SOPRO | ENCOBERTO DE ARGILA
PROLONGANDO | CINZA
LABAREDAS NO TEMPO | CONSUMADA EM VERBENAS



Valdemir Velozo e a claridade da poesia

Valdemir Velozo, pernambucano, 35 anos, bacharel em Direito pela UFPE, exerce há 14 anos a profissão de jornalista, havendo trabalhado nos principais jornais do Recife. Colaborou no suplemento literário do "Jornal do Commercio", e tem um livro de poemas em preparação.

Quase que inteiramente inédito, embora escreva há mais de 15 anos, Valdemir Velozo é um poeta que se destaca por um grande rigor no ofício e por uma maneira autônoma de se expressar, através da linguagem, fazendo com que esteja ao mesmo tempo distante tanto da secura de certos formalismos como do derramamento próprio dos que se atiram à palavra sem a necessária consciência de suas virtualidades.

Observa-se em poemas seus como "Inscrição na Pedra", o "Príncipe" e "Discurso", algo da contenção que se pode encontrar em alguns poemas gregos, marcadamente por uma espécie de claridade que parece irromper dos seus versos e que, em seu mistério, o torna um dos mais diáfanos e diria mesmo dos mais completos mensageiros do verbo poético entre nós.

O autor merece uma urgente publicação, desejada por todos quantos, em meio ao caos da má poesia, desejem dos poetas, sobretudo se verdadeiros, mais um pouco de humildade e seriedade no trato com a palavra.

Cantares V

A seda
do teu júbilo
corpo
voltado a mim
desfere
mais vermelhos
que a sina
ai
das flamas

Como súbito
pairas
no limite
das frutas
prontas
como ostentas
as sendas
altas
para os meus passos
ai
seta de antigo
arco
me desfaço
em longa ronda e solarenga pena.

Cantares III

Onde abres as fontes
canta
a minha sede extinta
de segredos
e rondam lentas
aves
entre os dedos.

Onde ouve os ventos
corre
a minha veia intensa
de destinos
e vibram puros
ecos
entre os sinos.

Onde ergues os gestos
dança
a minha busca insone
de vivermos
e fogem claros
anjos
entre os ermos.

Discurso

O tom do brado
eu busco
este é meu ânimo

O fel do dardo
eu deixo
este é meu cânone

O ser do fogo
eu fundo
este é meu êxtase

O mal do jugo
eu julgo
este é meu ímpeto

O fim do reino
eu rogo
este é meu quírie

O sol do tempo
eu tramo
este é meu símbolo

Dístico

Rubro como um guerreiro
desalmado
cavalgando a desordem
cantarei

o emblema do temor
o estigma do rei
as garras do centauro
o sangue aceso
e adagas cintilantes
contra a lei

Claro como um deserto
sonharei

o sol rompendo as altas
pedras
onde achei
o vinho arruinado e o pobre candelabro
suspenso sobre a perda
do que amei

Puro como um soluço
morrerei

Inscrição na pedra

Timbre oculto
nas origens do verbo. Quem decifra
os signos solares? Rebelada
escritura do fogo. Geometria
diurna das corolas. Claro
tempo
consagrado ao regresso
das searas. Mas tenso
vento
sobre as findas violas
silencia. Vertigem
nos degraus do rochedo. Quando voa
pleno de aves
o dia? Fonte
assalta o espaço que desdenha
a sede. Vibra
girassol da desordem. Travessia
lunar do sonho
abre
o portal dos vinhedos.

O Príncipe

Dos arautos do rei
ao príncipe:

Áspero
é o tempo que urde as ciladas da vida e da morte
vê que espreitam falcões
a nossa sede
e a terra cresta os dedos de quem a lavra.
Urge
que empenhes o teu corpo
dórico
ao tear de um ofício
e que a fibra do teu sangue
rija
se esclareça
aos servos como exemplo.

Do príncipe
aos arautos do rei:

Deixai-me intactas
as mãos
liberai-me sempre
deste jugo.

Ter alma é já bastante pedra
a carregar.

Ter alma é já bastante fruto
a cultivar.

Ter alma é cansar.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

É interessante que na hora em que antigas confissões religiosas rejeitam envergonhadas a sacralização, em nome de uma secularidade que é pura negatividade e capitulação dos seus fundamentos, como já denunciou o sociólogo americano Peter Berger, em sua obra **Um Rumor de Anjos**, a crítica americana Joyce Carol Oates se refira ao sagrado com tanta ênfase. Mais interessante ainda é que, por exigência do próprio anseio de sacralização, ela nos fale de coisas como "santificação ativa de outras pessoas", tarefa de que parece excluir os líricos, e "santificação do mundo", como obrigação mínima, segundo ela, implícita para todo romancista. Tais análises, bem como as proposições colocadas pela crítica norte-americana, mostram extraordinária coincidência com essa exigência épica reclamada pelas entranhas mais recônditas do nosso tempo. O que não significa, por outro lado, que o lírico deva ser excluído. Antes pelo contrário: o lírico deverá ser incluído, mas já transfigurado, já santificado por um Eu superior, acima, portanto, do individualismo, que quase vem se constituindo em sua única configuração, a ponto de se tornar impossível a sua comunhão com o Homem e com a Vida. E esse novo épico não quer modernamente unificar apenas um gênero literário, mas uma categoria espiritual mais ampla que também possa abranger o lírico. Se a arte é, acima de tudo, a transfiguração da realidade, deve incluir, necessariamente, sua **figuração** e, portanto, sua aparência (ou o seu aparecer) e não negá-la. Ora, **santificar** não será o mesmo que **transfigurar** as coisas? E a raiz de santidade não é a mesma de sanidade e de saúde? E como não haveremos, em lugar de condescender-nos com o lado doente da Natureza, de proclamar a saúde em vez de doença, a grandeza em vez da miséria, a arte em vez da anti-arte, ou a vitória em vez da derrota da arte e do homem?

Essa deve ser evidentemente a missão do artista que justifique, pelo menos, o ato de sua espera pertencer à inutilidade, do ponto de vista da ordem pragmática, evitando-lhe de transformar, de maneira suicida, essa inutilidade necessária numa inutilidade, além de desnecessária, perigosa para a própria estabilidade psicológica, existencial e ontológica do homem.

Sente-se por toda parte, apesar de todas as contradições, o ressurgimento do fogo épico na atmosfera nauseada e absurda do nosso tempo; náusea que é menos a do Mundo do que a de Sartre, e absurdo que exclui a redenção em lugar de ser ponte para ela e que, felizmente, não é o nosso mas o de Camus.

E este épico não está só na nova poesia: ele se encontra confundido, como o joio e o trigo, tanto em aspectos e manifestações da contra cultura, tal enigmática planta nascida da desordem dos sistemas existentes, como entre aqueles espíritos que buscando a ordem, em meio ao caos, ainda segundo os caminhos mais diversos e até contraditórios, poderão levantá-lo como um facho em direção ao homem. E a essa nova visão, épica e não mais lírica da realidade, poderá corresponder também um novo mundo que se será ortodoxo, monárquico ou teocrático, não o sabemos. E a esse novo mundo corresponderá naturalmente uma nova imagem do homem que unirá a pureza da moral tradicional com a implacabilidade da nova ou, para usar de uma comparação histórico-filosófica, há de significar a união do super-humanismo nietzscheano com o nascimento do "homem novo" de que falava o apóstolo Paulo. De qualquer forma, a essa nova imagem do homem e do mundo parece corresponder a literatura com o ressurgimento do épico, reanimando as formas líricas do passado, do épico mais como categoria espiritual do que como gênero de arte.

E esse ressurgimento não está advindo solitário, porém em meio a contradições, incongruências e coincidências de que podem servir de sinais o novo surto de sacralização nas velhas confissões religiosas, depois das querelas ecumênicas, o movimento reivalista e pentecostalista em diversos ramos do cristianismo, a contestação à música aleatória e dodecafônica em nome de uma harmonia que represente uma oposição aos ruídos de uma civilização já cansada do próprio consumo e a falência do liberalismo nas instituições econômicas e políticas deste século.

O DEC conta com novo assessor

O poeta José Mario Rodrigues autor de dois livros "A Estação dos Ventos" e "Os Motivos", e considerado, entre os novos poetas, como uma das vozes mais pessoais e significativas, principalmente pelo sopro existencial e por sua identificação com o ideário surrealista, do qual partilha com Murilo Mendes, um dos poetas que ele mais admira; — é a mais recente aquisição do Departamento de Extensão Cultural da UFPE., como assessor cultural a serviço do intercâmbio desta Universidade com as outras do País.

Miguel dos Santos diante de um de seus quadros

Seguramente um dos maiores pintores da nova geração brasileira, Miguel dos Santos conta-se entre aqueles que apresentam uma proposição verdadeiramente primitiva (no sentido real desse vocábulo) em relação às saídas técnicas em voga. A força de sua criação, não só na pintura mas também no desenho e na cerâmica, mais que regionalista, é telúrica: isto é, emerge do cosmos e do sangue, em vez de derivar-se de mera postura intelectual.

Um mundo de engenheiros

FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA

DESDE o Iluminismo, a civilização ocidental, mormente no que reporta à respeitabilidade do pensamento, tem posto ênfase excessiva na Razão, desprezando poderes outros da personalidade que não se encaixem entre os puramente intelectivos.

O ROMANTISMO surgiu como uma reação à coisificação do homem, valorizando o indivíduo, libertando o sentimento e levantando os véus das experiências não verbais da mente humana, a paixão, o terror, um esboço do que Freud sistematizaria em sua psicanálise.

DESDE o Simbolismo, a política tem sido de contenção. Partindo das correspondências baudelairianas, tal movimento repudiou o discursivo, mas em compensação se perdeu num hermetismo estéril, cuja culminância foi o fracasso mallarmaico, conseqüentemente, formalismo estéril.

HOUVE reações contra tal estado de coisas, principalmente com o dadaísmo, o expressionismo e o surrealismo, porém tais experiências estão sendo pouco a pouco esquecidas, num retorno tal que poderíamos chamar de PARNASO PÓS-MODERNISTA.

A FANTASIA, única atividade psíquica que, de acordo com Freud, escapa ao controle do princípio de realidade, derrubando as barreiras do tempo e do espaço, se sente cada vez mais reprimida, dando lugar ao intelectualismo exacerbado e quase sempre impregnado de afetação.

A POESIA está morrendo, a palavra perdendo sua razão de ser. As forças inconscientes reprimidas se esbatem no invólucro metálico do formalismo inconseqüente, prestes a rompê-lo. Ou encontram uma válvula, ou morre a poesia, o que não seria novidade, no mundo de engenheiros em que vivemos.

Para o sol

LUCILA NOGUEIRA

Furor insaciável
adormece.
Enigma dos astros
capitula.
Ferida pantanosa
endurece.

Soltarei além da dor esta promessa
primitiva sentença hoje desperta.

Raio azul preferido pelo sonho
acrescenta.
Paz secreta abrigada pela terra
desabrocha.
Véu de sombra habitado pelo tempo
amanhece.

Milagres
cobri-me
Cantares
tomai-me

Que eu sei da volta ao palácio das alturas
das vergonhosas cadeias rebentadas
da procissão que caminha para o sol.

12 - 10 - 76

Maurício: um desenhista incontaminado

Maurício Campos, nascido em São Luis do Maranhão, em 1956, começou realmente a desenhar há pouco tempo. Antes disso fez parte do grupo de teatro Vivencial, de Olinda, e atribui o início de sua arte à encomenda de um poster, para o citado grupo. Ele estuda Pedagogia, na UFPE, já tendo feito um curso de desenho técnico pelo Centro Industrial Agamenon Magalhães.

Nota-se, logo, no desenho de Maurício, a lembrança dos contornos que caracterizam o trabalho de Chico da Silva; só que os deste último são feitos por meios da conjunção de várias cores, enquanto os seus são traçados a preto e branco. O jovem desenhista, entretanto, por força de estar ainda incontaminado de certas influências, poderá achar uma boa saída em seu primitivismo requintado, através da criação de figuras arbitrárias que, em sua riqueza, lhe darão uma marca cada vez mais pessoal à sua produção artística.

FOLCLORE

ÂNGELA DELOUCHE

O Folclore nasce, vive e se afirma nos meios rudimentares, mas está longe de se confinar nesses limites, ascende à sociedade, onde se manifesta em plenitude, ainda que diminuída sua capacidade criadora, Hoje, o folclore das cidades é uma realidade irreousável.

Maria de Lourdes Borges Ribeiro

Fandango, folguedo que se extingue

FANDANGO é folguedo popular cuja origem se perde no tempo, embora se saiba que teve antecedentes no antigo Egito e possivelmente em toda a bacia do mar Egeu, passando daí à Península Ibérica e posteriormente ao nosso país.

Fandango é folguedo de assunto marítimo, derivado de antigos romances, — existia na Espanha, com esse nome, um bailado popular acompanhado de guitarra e castanhola — tornado auto popular, foi enriquecido por música, danças e versos entremeado de lendas, ditos e orações.

Em toda a orla marítima dos estados nordestinos o fandango foi fartamento encenado no século passado — Henry Koster assistiu ao folguedo em 1814 na ilha de Itamaracá — estando, atualmente, em vias de desaparecimento total.

O Fandango e suas variantes, (Nau Catarineta, Marujada, Chegança) já foi documentado por Gustavo Barroso, no Ceará, por Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, por Mário de Andrade, Gonçalves Fernandes, Rossini Tavares na Paraiba, por Pereira da Costa, Oneida Alvarenga, José Maria Tavares de Andrade em Pernambuco, por Théo Brandão em Alagoas, em Sergipe por Sylvio Romero.

Enredo

Segundo José Maria T. Andrade, que fez a análise de vários textos, o Fandango se baseia numa historieta: "era uma vez uma nau que vagou errante durante sete anos e um dia. Quando acabou a manutenção, lançaram a sorte para ver a quem matar para comer e a sorte caiu no General. Este mandou que o gajeiro subisse ao mastro grande e ele lá de cima diz: "Avisto terra de Espanha e areia de Portugal e assim o General, porque livrou-se da morte, prometeu ao gajeiro suas três filhas, muitas coisas, uma casa dourada... ele rejeita tudo e quer somente a alma do General. Era o cão que estava no couro dele. E o General disse: "Afasta-te de mim, inimigo, meu inimigo infernal que minha alma é de Deus — ó toulinda, não é para ti dá"

A nau prossegue viagem e chega em terra firme, quando vão agradecer a Nossa Senhora por terem sido salvos da borrasca. Cantam suas façanhas, perigos, amores, intrigas, louvores aos santos, a Deus e à Virgem e trechos de romances e canções antigas que são anexadas sem um encadeamento lógico.

Além do General já mencionado, encontram-se no auto o Mestre, o Capitão, o Comandante, o Piloto, o Cirurgião, a Sabóia e o gajeiro (onde o diabo se encarnou) vários marujos e os palhaços Vassoura e Ração, donos da assistência.

A Representação

O Fandango era, geralmente, encenado no pátio da igreja, na véspera do Natal, o que, — nos diz Cascudo — "... resistindo às tentações do sono, esperando a Missa, os divertimentos enchiam as horas. O Fandango ou Marujada garantia horas e horas, no vaivém do bailado dos rapazes vestidos de marinheiros". Os personagens vêm numa barca, que é conduzida para o local, precedida por um cortejo.

A representação dura cerca de oito horas, incluindo os intervalos, quando os atores se misturam aos espectadores e tomam os seus traguinhos, como no Bumba-meu-boi. Aliás, convém notar, todos os autos populares são de longa duração. Os espectadores se comprimem, em pé, sem mostras de impaciência ou de cansaço. As jornadas, rimadas e cantadas, têm acompanhamento de uma "bandinha" colocada no fundo do tablado. A Sabóia (ou Salóia) é uma mocinha, filha do Capitão, freqüentemente represntada por um homem.

Raridade

O Fandango está se tornando uma raridade. Em 1965 José Maria Tavares viu a representação no Sítio da Trindade e na Mustardinha, no Recife, em Nazaré da Mata, Carpina e Itamaracá em Pernambuco. Também em Cabedelo, na Paraíba e em Maceió, em Alagoas. Aqui, convém registrar o que nos está chegando do museu "Théo Brandão" da Universidade Federal de Alagoas, em edição da Impresa Universitária, uma coleção de monografias sobre folguedos populares "Coleção Folclórica da UFAL", que já está no número 31. Todos os trabalhos foram escritos por Théo Brandão, que é o Câmara Cascudo das Alagoas. O número 24 é dedicado ao Fandango onde estão registradas todas as cantigas dos marinheiros e outros comentários.

Em Sergipe a dramatização da "Chegança", variante do Fandango, parece continuar a ser representada. A "Chegança" é uma livre dramatização das lutas religiosas entre mouros e cristãos.

O "romance" da NAU CATARINETA (*)

Belo nau Catarineta
Nela vos venho falá
Sete anos e um dia — ô tolinda,
sobre as ondas do má.

Não tinha mais que bebê
nem também o que manjá
senão a sola de sapato — ô tolinda,
para a vida sustentá.

Butemos as solas de môlho
para domingo ajantá
e a sola'stava tão dura, — ô tolinda,
que ninguém pôde tragá.

Butemos as sete sorte,
a quem havia matá
e as sete sortes caiam, — ô tolinda,
no Capitão generá.

Os marujos puxaram por suas espadas para matar o capitão, este na esperança de salvar a vida ordena:

Assobe, sobe gajeiro,
naquele tope riá,
vê se avista terra em Espanha, — ô tolinda
ou ares em Portugá.

Auvistas, meu Aumirante,
auvistas eu venho lhe dá,
avistei terras em Espanha, — ô tolinda,
e ares em Portugá,
também avisto três moças, — ô tolinda,
debaixo de um parreirá,
uma desfiando seda, — ô tolinda,
a outra, lindo torçá,
a mais chiquitinha delas, — ô tolinda,
procurando um adedá.

São filhas do comandante e este as oferece ao Gajeiro em paga de suas alvíssaras:

Uma para te cosê,
outra para te engomá
e a mais chiquitinha delas,
para contigo casá.

Mas o Gajeiro as recusa, como recusa outras dádivas: palácio, cavalo, dinheiro, teimando em receber somente a Nau Catarineta ou, em seu lugar, a própria alma do comandante:

Eu não quero o teu dinheiro
que te custou a ganhá
eu quero a tua alma, — ô tolinda
quando do corpo apartá
junto com teus companheiros, — ô tolinda
para o inferno eu levá.

Ao perceber que, no Gajeiro, se encontra disfarçado o próprio Satanás, o Capitão-General o excomunga, sob a invocação da Virgem Maria:

Sai-te daqui, ênimigo,
ô ênimigo infernâ
que a minhalma é de Deus, — ô tolinda
quando do corpo apartá
a Virge da Conceição, — ô tolinda
de ti nos há de livrá.

Depois de mais algumas cantigas, ao som das violas e da rebeca dos tocadores:

Vamos dá a despedida
como deu o beija-flô
quando beijou açucena
nos pés de N. Sinhô.

Adeus, meu povo, adeus,
que eu já vou me retirá,
se a fonção não tivé boa,
peço, queirãm descuipá.

Adeus, cidade do Porto,
adeus, praia aventurada
adeus, donzelas, viúvas
adeus, sinhoras casadas.

Adeus, cidade do Pôrto
adeus, barca vigilante,
segue em nossa companhia
Bom Jesus dos Navegantes.

(*) — Colhido da Coleção Folclórica da UFAL, nº 24, Folguedos Natalinos, sob o título de FANDANGO, por Théo Brandão.

Danças Nordestinas

O 1º Festival de Danças Folclóricas Nordestinas, realizado no Teatro do Parque, mês passado, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco (Departamento de Cultura), significa mais uma oportuna iniciativa com vistas à valoração das nossas tradições, nessa área da cultura popular. Que outras promoções semelhantes venham a ser realizadas, para que permaneça bem viva a alma do nosso povo, que se retrata, justamente, através das manifestações artísticas e culturais.

A respeito do Festival, declarou o diretor do Departamento de Cultura daquela Secretaria, jornalista Leonardo Silva:

A DANÇA é, talvez, a primeira manifestação grupal da cultura de qualquer povo: Nas oferendas, no agradecimento, na religião, na guerra, no regozijo ou mesmo na simples necessidade de recreação, ela está presente nas primitivas civilizações das cavernas e em nossos dias.

O índio, o negro e o ibérico, "três grandes raças bailadoras" no dizer de Luis da Câmara Cascudo, são os responsáveis por esta imensa variedade de manifestações integrantes deste **I Festival de Danças Folclóricas Nordestinas** que o Governo de Pernambuco, através de sua Secretaria de Educação e Cultura, promove em comemoração à Semana do Folclore.

A presença do Quinteto Violado, com um concerto-aula de música popular nordestina abrindo a programação, vem demonstrar o trabalho que está sendo levado a quinze diferentes cidades do interior pernambucano .

As exibições de frevo, caboclinho e maracatú, apresentadas por crianças integrantes do Projeto de Escolas de Danças Pernambucanas, vêm mostrar o programa que ora se desenvolve no sentido de "despertar na juventude e na sociedade o gosto e o amor por sua própria Cultura".

Ao lado das crianças, grupos folclóricos de adultos — Tribos Canidés e Carijós, Nações do Leão Coroado e da Estrela Brilhante —, estão a comprovar a força do bailado em nossa formação, enquanto os integrantes do Terreiro do Pai Edú (Olinda) e do Coral Expressionista de Maceió virão completar toda beleza rítmica, poética e coreográfica das mais legítimas manifestações culturais do povo nordestino.

— Tudo isso reunido durante estes cinco dias que, por certo deixarão saudades...

Pastoris de Pernambuco

O título acima é o da monografia, baseada em pesquisa de campo e bibliográfica, de Elza Loureiro, chefe da Divisão de Produção e Divulgação de Atividades Culturais do Departamento de Cultura da SEC, presentemente cursando o 8.º período do curso de Ciências Sociais da UNICAP.

Em **Pastoris de Pernambuco,** Elza Loureiro se propõe a reconceptualização dos termos presépio e pastoril, uma vez que "os cantos, danças e loas pastoris executadas diante do presépio ou lapinha, cena estática do nascimento de Jesus, sofreram influências burguesas, daí voltando às camadas populares, onde tomaram sua forma própria de folguedo folclórico pastoril".

O diretor do Departamento de Cultura da SEC, Leonardo Silva, deu todo o apoio a essa pesquisa, possibilitando a distribuição dos questionários, através dos Núcleos de Supervisão Pedagógica que cobrem todo o Estado.

Evidentemente, esta monografia vem preencher um claro na bibliografia sobre o assunto.

Doping visto sob o ângulo estritamente científico

Quando o senador Jarbas Passarinho era Ministro da Educação, solicitou às federações de futebol do país que fizessem os seus exames antidoping através das Universidades. Mas toda vez que um jogador ficava sob suspeita de ter ingerido algum estimulante, uma celeuma incrível era criada em torno do caso.

RAIMUNDO CARRERO

A Universidade Federal de Pernambuco, em decorrência das controvérsias sobre o problema, decidiu não mais continuar os exames no futebol pernambucano. O JORNAL UNIVERSITÁRIO traz, pela primeira vez a imprensa estadual, uma entrevista com uma verdadeira autoridade no assunto, abordando o aspecto estritamente científico. Trata-se do pesquisador Romero Souto, do Departamento de Bioquímica da UFPE. (onde eram feitos os exames), que aborda amplamente a matéria sob o ângulo estritamente científico.

JU — Por que controle antidoping nas competições futebolísticas?

RS — Primeiramente, o uso do doping pelo atleta não só constitui um meio fraudulento de obter vitórias, como também o seu uso origina sérias perturbações do metabolismo, podendo, até levar o atleta à morte, a exemplo do que ocorreu com dois jovens desportistas franceses que faleceram durante uma competição de futebol. Este caso foi publicado pela revista parisiense "Médicene Légale".

JU — Qual o conceito de doping no futebol?

RS — Considera-se doping a ministração de substâncias estranhas ao organismo (ou de substâncias fisiológicas em quantidade anormal). Tais estimulantes são capazes de provocar no atleta, no momento da competição, um comportamento anormal, sem correspondência com a sua capacidade orgânica funcional.

JU — Trata-se de um conceito universal, então?

RS — Sim. Mundialmente, define-se doping como qualquer droga ou preparação de droga que é usada com a intenção de modificar a performance do competidor — segundo a concepção do Symposium-drug addiotion in Seotland.

JU — Quais as substâncias consideradas como doping?

RS — No Brasil, é expressamente proibido o uso de anfetamina e derivados; analgésicos narcóticos e similares; estimulantes do sistema nervoso central e vasos dilatadores. Nos países da Europa e na América do Norte, bem como na União Soviética, todas essas drogas são consideradas doping, assim como os Esteróides anabólicos.

JU — Quais são as técnicas utilizadas para a análise do doping?

RS — Cromatografia (sensu lato) no sentido mais amplo, que constitui a técnica de escolha. Particularmente, Cromatografia liquido-gasosa e Cromatografia em camada delgada (CD). Essas técnicas permitem a separação e identificação das referidas drogas.

JU — Qual a sensibilidade dos métodos de Cromatografia utilizados nestas análises?

RS — A Cromatografia em camada delgada tem uma sensibilidade de detectar cerca de 5 a 10 microgramas, ao passo que a Cromatografia liquido-gasosa pode detectar 0.001 microgramas, isto na dependência do sistema de detectar utilizado, uma vez que detectores de captura de eletrons apresentam uma sensibilidade maior do que os de ionização de chama de hidrogênio (F.I.D.).

JU — A Cromatografia liquido-gasosa pode detectar uma droga, decorridas 48 horas de ingestão?

RS — Sim, mas somente quando os parâmetros técnicos estão situados na maior sensibilidade do instrumento. Contudo, todo especialista nesta área sabe que o eletrômetro do instrumento possui várias sensibilidades de detecção, e, para a análise antidoping, fixamos 10-11 amp/mv (ampere/milivolts) e 10 de atenuação. Tais parâmetros, porém, só detectam drogas num intervalo de até 7 horas a partir do momento da ingestão, o que significa uma adaptação desta técnica ao verdadeiro controle do doping. Ora, um atleta só toma estimulantes 1 ou 2 horas antes da competição, com o estimulante atuando durante a competição. Assim, após as 7 horas nada poderá ser constatado pelos laboratórios.

JU — Por que um laboratório nunca afirma taxativamente que um atleta jogou dopado?

RS — Em Medicina Legal, meu caro, os laboratórios químico-toxicológicos são solicitados para definir o achado científico. Por exemplo: suponhamos que num determinado local foi encontrada uma pessoa morta e ao lado do corpo uma toalha manchada. Cabe aos peritos do laboratório, em tais casos, simplesmente dizer se aquela mancha na toalha é de sangue ou não, e isso eles fazem com testes bioquímicos. Resumindo: ao laboratório cabe a frieza de analisar, utilizando as técnicas mais modernas para pesquisar e caracterizar tais drogas. É o papel da ciência. A acusação e penalidades ficam por conta dos tribunais.

Campeonato Nacional, imediatamente após os regionais, é um sufoco

Considerado pela crítica como a "maior competição futebolística do mundo", o Campeonato Nacional de Clubes envolve, hoje, agremiações de todos os Estados do País, sufocando, praticamente, as disputas regionais. Apesar das críticas que seguidamente são feitas ao número de participantes, a CBD, porém, talvez atendendo a interesses políticos, vem, a cada ano, aumentando a quantidade de equipes.

Por isso, este ano, o Campeonato contará com a participação de dois clubes da Paraíba — Botafogo e Treze — e mais um da Bahia — o Fluminense de Feira de Santana — para se falar em termos apenas nordestinos. No entanto, indaga-se: Até que ponto essas três agremiações têm condições de disputar posições com os maiores clubes do País, com possibilidades de classificação? A resposta, obviamente, é imediata. Quase nada podem fazer. Não que sejam apenas clubes da Paraíba e da Bahia — isso não tem lá essa importância toda.

Inquire-se, todavia, sobre a infra-estrutura de uma dessas agremiações para participar desta competição "maior do mundo". A própria experiência mostra que 60% dos participantes do campeonato nacional são meros participantes como, no caso pernambucano, acontece com Ibis e Santo Amaro. Muitos deles não são capazes, sequer, de oferecerem boas condições de renda, a ponto de a própria CBD estipular uma taxa mínima para os seis clubes maiores e que, fatalmente, teriam prejuízo nas competições. O problema, por isso mesmo, exige reflexão. Seria vantajoso para uma grande equipe, que gasta milhões com sua equipe, deslocar-se a grandes distâncias para disputar minguados tostões de arrecadação?

Levanta-se, no entanto, a hipótese de que não seria justo evitar que equipes menores ficassem alijadas das competições, enfrentando graves problemas financeiros por falta de amistosos. Está certo. Todas as praças, no período de agosto a dezembro de cada ano, ficam ocupadas. Os clubes fechariam, então? Teriam condições de, no próximo ano, preparar-se para a campanha local? Tudo são indagações que devem pesar na balança da CBD. Por questões de humanidade, então, chega-se à conclusão de que não seria justo alijá-los da competição. Daí a pergunta mais contundente: e o que fazer?

Bem, o impasse está criado. Mas não há problema que não tenha uma solução. Fácil supor que a medida mais coerente é que a CBD escolhesse apenas um representante das regiões menos desenvolvidas — de preferência o campeão — e o escolhido pudesse criar o que se denominaria a seleção do Estado. A equipe, com a ausência dos dirigentes, escolheria os melhores de outros times do Estado e formaria um time capaz, pelo menos, de "endurecer" os jogos contra os grandes. É gritante, por exemplo, a diferença entre o Botafogo paraibano e o Internacional, de Porto Alegre. Não que se queria menosprezar o alvinegro de João Pessoa. De forma alguma. Mas os próprios torcedores podem, facilmente, constatar essa diferença. Não seria, por isso mesmo, mais lógico que ao invés de Treze e Botafogo, as duas agremiações se juntassem, para formar um time capaz de representar bem o Estado? Não resta dúvida que a resposta é sim. Assim, as duas equipes evitariam os problemas financeiros e o vexame de sofrer goleadas, sobretudo quando jogam fora de seu Estado. A CBD criaria condições para isso. O Campeonato ficaria mais atraente e os times com melhores condições de disputa.

Em Pernambuco

Pernambuco é representado pelas suas três grandes agremiações no Campeonato Nacional. É verdade que não podemos nos incluir entre os possíveis campeões. No entanto, a tradição mostra que tricolores, rubro-negros e alvirrubros têm marcado, decisivamente, suas passagens pela competição. O Náutico, ainda durante a Taca de Prata, conquistou o título de vice-campeão brasileiro, com um time de méritos incontestáveis. O Santa Cruz, ano passado, ficou no quarto lugar, perdendo, no mínimo, o vice-campeonato, quando foi derrotado por 3 a 2 pelo Cruzeiro, no Arruda, numa partida que poderia, também, ser o vencedor sem deméritos. Ainda no ano passado, Esporte e Náutico também conseguiram a classificação e ficaram entre as 16 melhores equipes do Nacional. Pelo sim, pelo não, somos uma força no futebol do País.

Este ano, porém, as coisas não parecem das melhores. Capaz de fazer uma grande figura só temos mesmo o Santa Cruz, o bi-supercampeão. Disso ninguém tem dúvida. O Náutico, apesar de um time homogêneo, tem uma equipe reduzida, com craques limitados, em sua maioria, e é uma incógnita. O Esporte, antiga seleção do Nordeste, está em fase de reajuste e, possivelmente, não entrará no Nacional com força capaz de "assustar" adversários. Pode se constituir numa surpresa. Afinal, o Santa Cruz também foi o terceiro lugar no campeonato local, do ano passado, e terminou como a sensação brasileira.

Há, porém, uma diferença fundamental. Apesar de terceiro colocado, o Santa Cruz foi, durante todo o campeonato, um time homogêneo, coeso, forte e definido. O Esporte, no entanto, não apresenta as mesmas características. Está quebrado, dividido, partido, com problemas internos e externos, sem equipe definida. Começou a competição local como o possível campeão, venceu o primeiro turno mas não teve fôlego para disputar os dois restantes. Numa expressão popular: caía pelas tabelas. Às vezes jogava bem o primeiro tempo, assediava o adversário, mas no segundo tempo, sem que ninguém pudesse compreender, não podia tirar os pés do chão. Seus jogadores pediam a Deus que o jogo terminasse. E quando terminava, tinha levada um ou dois gols.

Mesmo assim, vamos esperar que, como no ano passado, os três cheguem à classificação e, pelo menos, um possa disputar as finais.

Fape justifica a pálida jornada nos XXVII Jogos

"Particularmente, já esperava a queda de nível. Em contrapartida, devemos considerar que 80% dos atletas são "feras", o que propiciará, no futuro, uma participação deste mesmo contingente com melhor nível de desenvolvimento técnico e maior experiência" — com estas palavras, o diretor-técnico da FAPE, Eduardo Vieira, justificou a apática participação de Pernambuco nos XXVII Jogos Universitários, realizados em Belo Horizonte, de 17 a 28 de julho, reunindo 4.000 estudantes de todo o País.

Os universitários pernambucanos pareciam marcados pelo estigma do 4º lugar. Por isso conquistaram a quarta colocação em volibol, masculino e feminino; handebol masculino; tênis de campo, individual masculino, arremesso de peso feminino, além de basquetebol feminino — — que sempre foi a 2ª força universitária do País — e basquetebol masculino, que melhorou a sua posição em competições anteriores. A "glória" do basqute masculino foi derrotar a excelente equipe de Goiás. O handebol feminino ficou com um pobre 5º lugar e as demais representações não conseguiram sequer classificação.

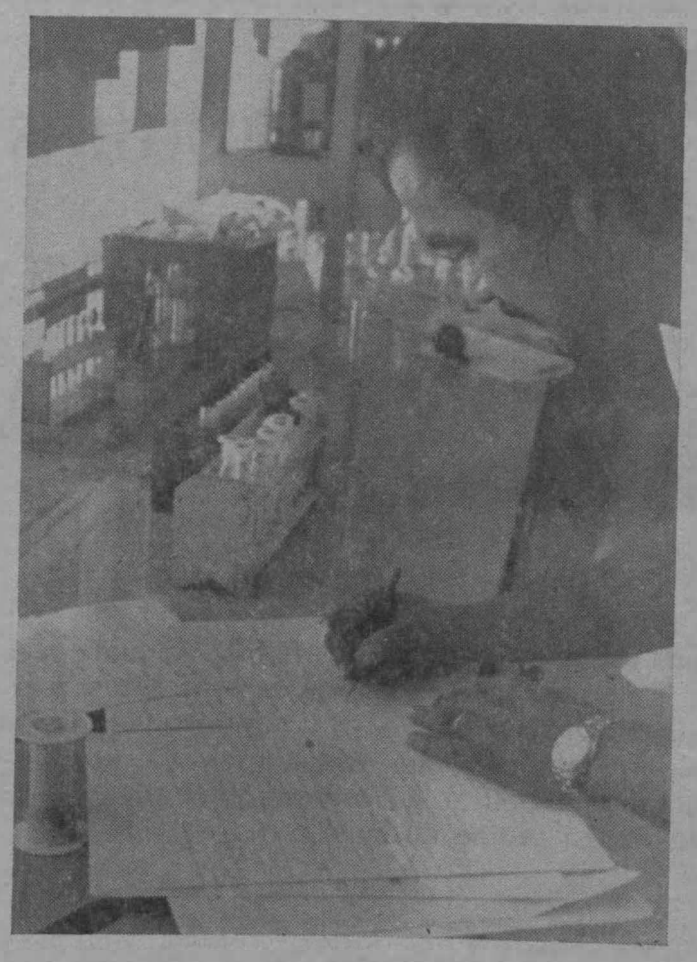
Para os especialistas, o saldo de medalhas é qualquer coisa de absurdamente desanimador: uma medalha de prata e uma de bronze no atletismo — 2º lugar nos 110 metros com barreiras e 3º lugar no Decatlon, conseguidas pelo atleta Vladimir Lima da Hora.

No entanto, o fracasso de Pernambuco tem, até certo ponto, uma justificativa: a chamada mistura de atletas. Isto é, a inclusão de estudantes e não estudantes nos Jogos Universitários de Pernambuco. Isso "serviu apenas para desestimular, pela participação de atletas com melhores condições físicas e técnicas, pois puderam dedicar mais tempo aos treinamentos, tirando, assim, o brilhantismo da competição, em detrimento dos universitários".

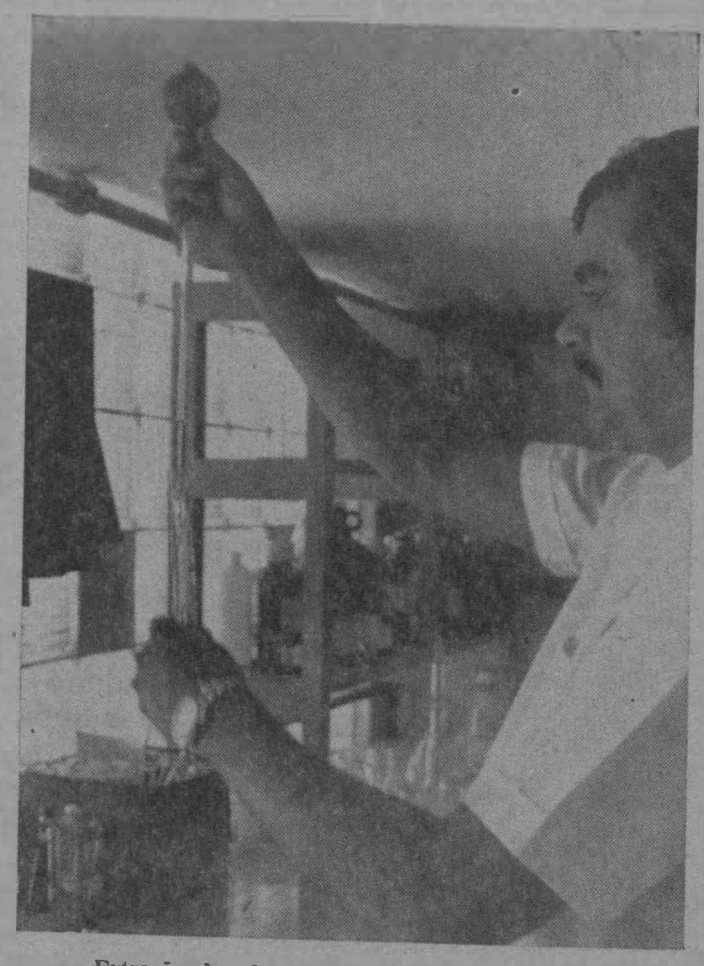
No entanto, para Vieira, a performance da FAPE este ano esteve condicionada ao desinteresse de alguns atletas, que poderia ser explicado de várias formas: a) não temos mais uma regularidade nos períodos letivos, acarretando em aulas e até mesmo provas simultaneamente com os JUB's, embora alguns atletas tenham ido por conta própria, após a partida da delegação, para que pudessem fazer suas provas; b) a atual profusão de competições nacionais diminui a motivação dos atletas por competições fora da cidade, considerando-se que os únicos prêmios do atleta amador são medalhas e viagens; c) a falta de recursos da FAPE faz com que os treinadores, embora de bom nível, não coloquem os treinamentos acima de suas atividades rentáveis; e d) a falta de recursos também não permite que a federação tenha locais certos para treinamento, o que leva o atleta a se desmotivar por chegar ao local marcado e não haver treino.

Pesquisador faz exposição sobre antidoping

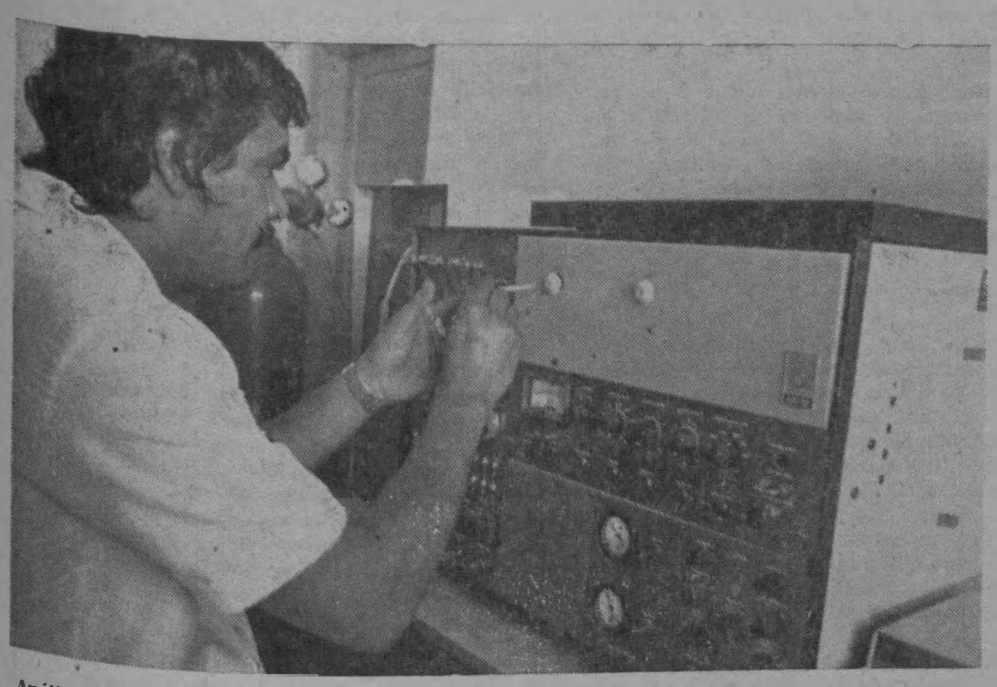
O exame antidoping é assunto discutido e polêmico, em quase todos os Estados da Federação. Na página anterior, o pesquisador Romero Souto faz ampla exposição sobre o aspecto estritamente científico, revelando toda seqüência do exame feito no laboratório do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal de Pernambuco.



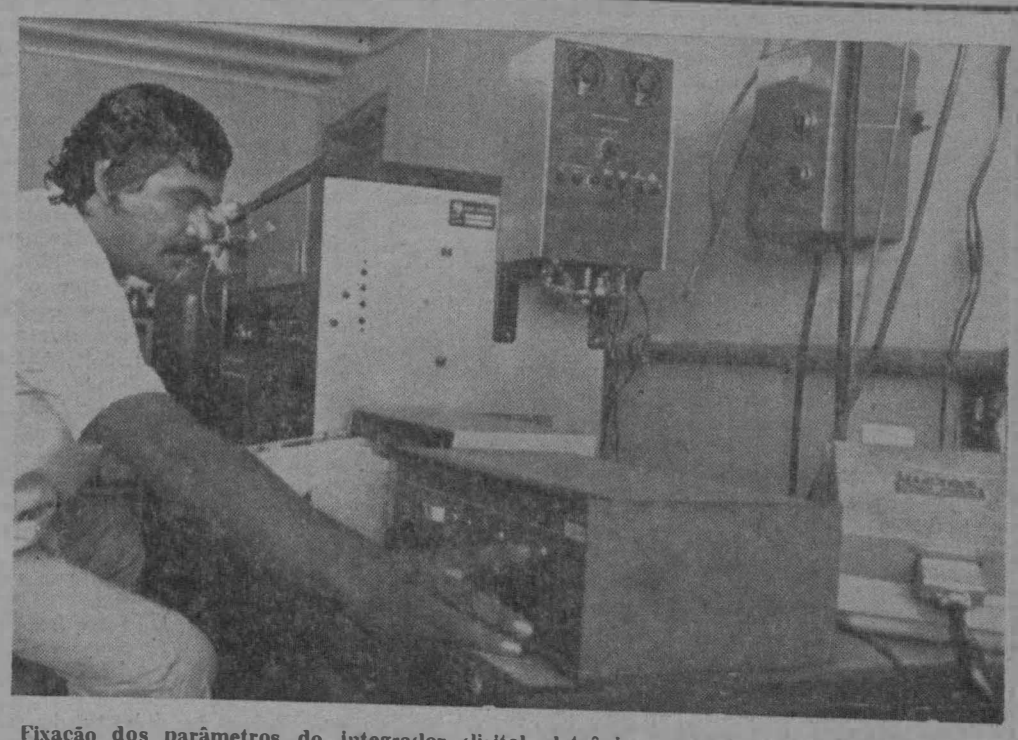
Início das análises: anotações de laboratório e determinação do roteiro técnico.



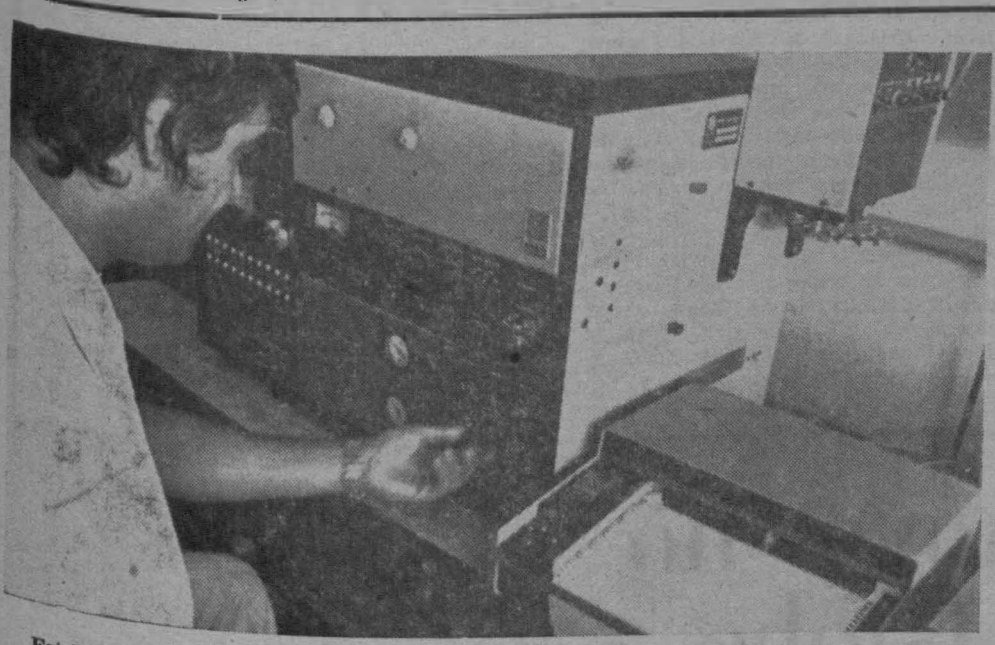
Extração das drogas presentes nas amostras urinárias.



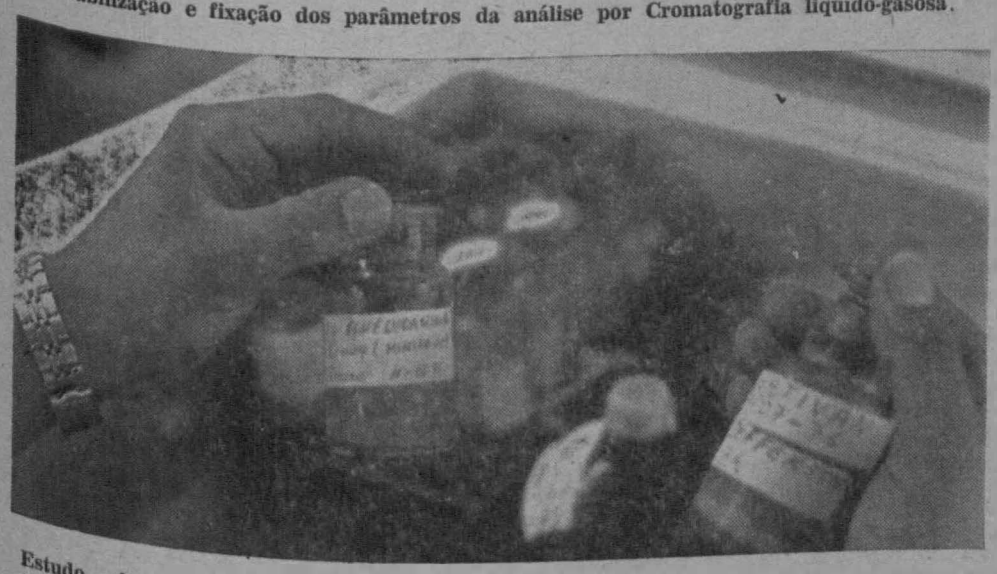
Análise propriamente dita. Injeção diretamente na coluna para separação e identificação das drogas.



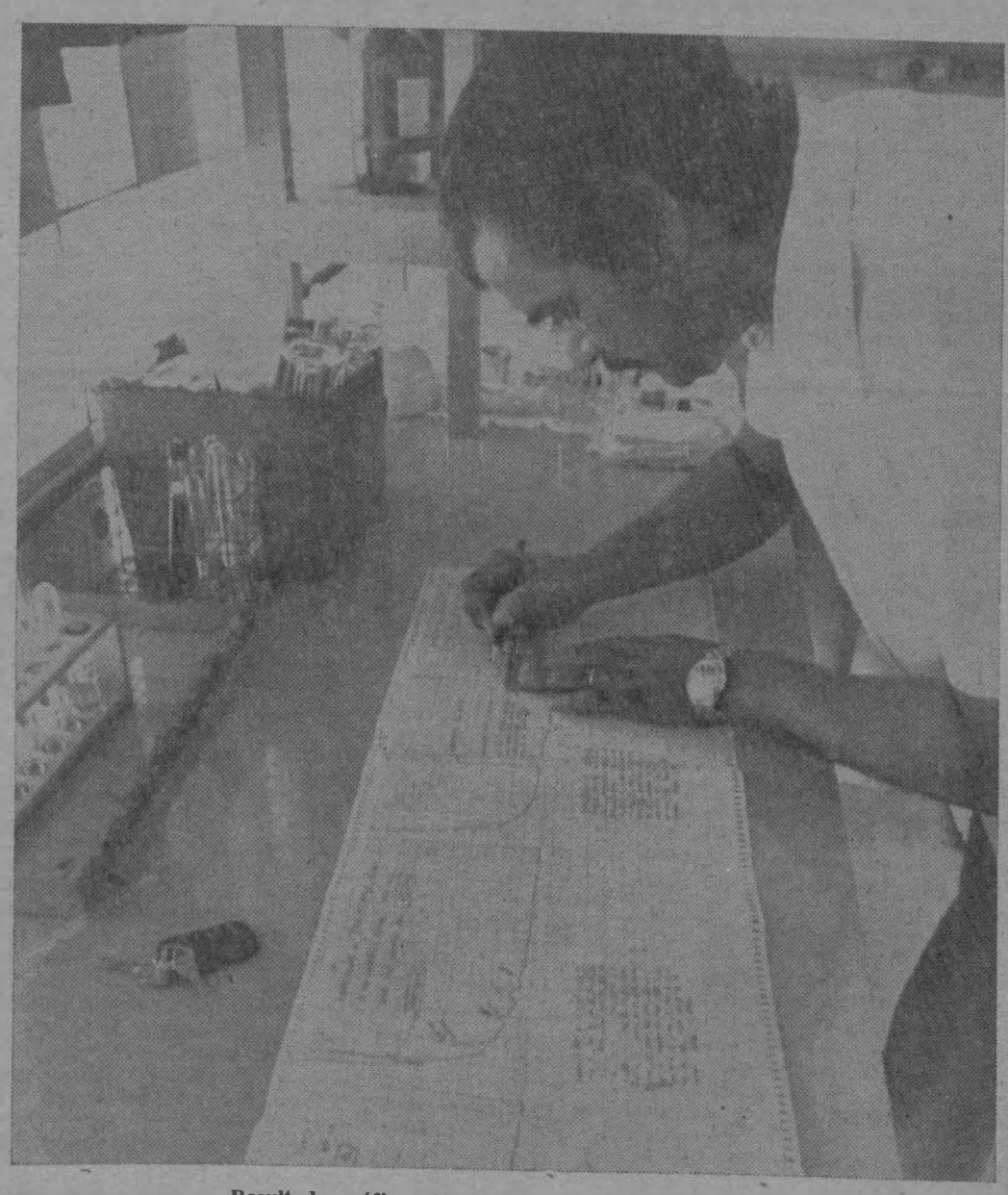
Fixação dos parâmetros do integrador digital eletrônico para determinação do estudo cinético da eliminação das drogas.



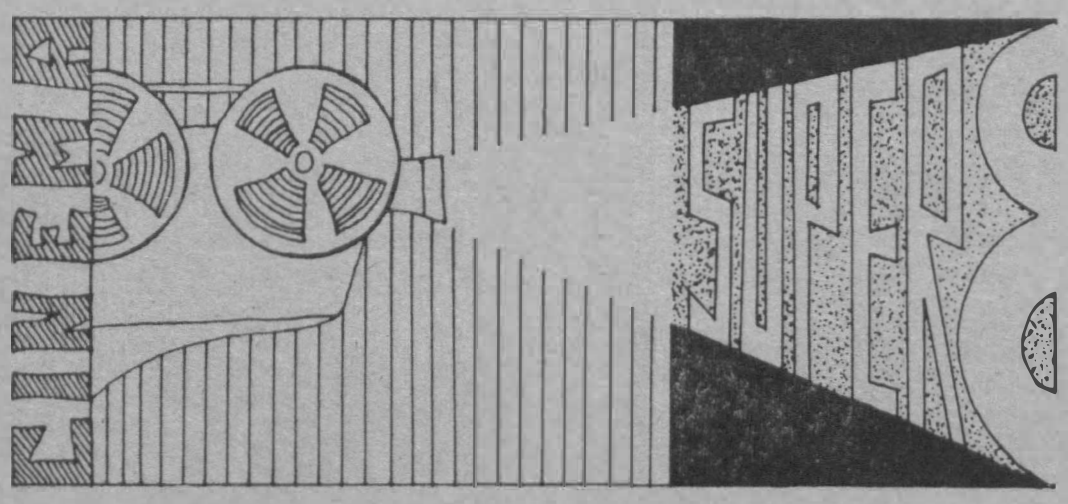
Estabilização e fixação dos parâmetros da análise por Cromatografia líquido-gasosa.



Estudo da iluminação das drogas em atletas voluntários. Os gráficos obtidos determinam os parâmetros para fixar o Cromatógrafo numa sensibilidade de detecção somente no período das 7 horas.



Resultado gráfico obtido de pesquisas e análises



Prêmios e esperanças dentro e fora do IV FENACA em Aracaju

JOSÉ CARLOS TARGINO

O IV Festival Nacional de Cinema Amador de Sergipe (FENACA) pode não ter acrescentado muita coisa ao cinema amador brasileiro. Pode ser, até, que os filmes concorrentes não tenham conseguido agradar a maioria das pessoas presentes. Tudo é possível, inclusive o contrário das hipóteses levantadas acima. Contudo, é pura insensatez pôr em dúvida a seriedade com que trabalharam os responsáveis pelo empreendimento. Pois não é fácil fazer festivais de cinema no Brasil. Sobretudo, no Nordeste brasileiro, onde as verbas tendem a escassear mais do que em qualquer outra região do país.

Mesmo assim, a Universidade Federal de Sergipe soube ultrapassar, pela quarta vez consecutiva, quaisquer obstáculos. "Foi difícil, contudo. Era insignificante a primeira quantia que caiu em nossas mãos", disse a professora Albertina Brasil Santos, que se desdobrou para obter a verba indispensável à realização do Festival. Enfim, no dia do encerramento, momentos antes da entrega dos prêmios aos vencedores, o desejo de que a ajuda fosse mais ampla transparecia claramente nas declarações de Djaldino Mota Moreno, responsável pela coordenação do FENACA. "É necessário que tenhamos uma maior ajuda financeira, pois somente assim será possível um trabalho mais promissor", disse Mota Moreno, ao mesmo tempo em que afirmava estar exausto, muito exausto, mas satisfeito.

Uma exposição de cartazes de filmes brasileiros, cinco seminários, exibição de filmes concorrentes (51 películas, um número muito elevado para apenas três dias de Festival), além de uma mostra retrospectiva do cinema brasileiro — eis o que constituiu o programa do FENACA sergipano.

SUPER 8 deve evoluir

"Não há proteção para o realizador de curta metragem. Sua sobrevivência é, assim, conseguida a duras penas", disse André Olivieri Setaro, crítico cinematográfico do jornal **Tribuna da Bahia** e um dos membros da comissão julgadora (os demais foram Romildo Aragão, representante da EMBRAFILME em Sergipe, Maria de Lourdes Bandeira, socióloga, Adhemar Carvalhaes, da Fundação Álvares Penteado, Ivan Valença, crítico cinematográfico do jornal **Gazeta de Sergipe**, Ronald Monteiro, do **Jornal do Brasil**, e Alberto Carvalho, crítico de arte e professor da UFS). Para Setaro, o curta metragem é uma espécie de passaporte para o longa metragem, mas as dificuldades encontradas pelo autor de filmes curtos são sempre desencorajadoras. "Mesmo assim, é necessário que aqueles que manipulam o SUPER 8 tenham uma mais ampla perspectiva. O SUPER 8 não pode deixar de seguir a evolução normal do cinema brasileiro de longa metragem. Ele deve, isto sim, acompanhar os passos do cinema adulto, daquele cinema que está preocupado com problemas maiores e mais profundos", concluiu o crítico baiano.

Cinema com responsabilidade

Para Ronald Monteiro, crítico muito ligado à Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, é difícil fazer pesquisa cinematográfica em nosso país, pois não existe a documentação necessária para o levantamento dos fatos inerentes à sétima arte. "Eu próprio já fracassei", confessou, sinceramente, durante uma palestra sobre arquivo e documentação no cinema brasileiro. Inevitavelmente, acrescenta que ainda existe, nos EUA, filmes que localizam Shirley Temple, a célebre menina-prodígio, recebendo seu Oscar nos anos 30. Enfim, é mesmo lamentável que inexista, em nosso meio, elementos nacional. É imensa a quantidade de filmes brasileiros que estão perdidos para sempre. Num passado não muito remoto, o material empregado na confecção de películas era de natureza inflamável, e, assim, as cópias de um filme não tinham muitas chances de sobrevivência. O que é uma verdade. Mesmo assim, porém, era possível fazer com que os filmes de nitrato de celulose fossem conservados, como explicou Ronald Monteiro, pois havia, para eles, um ambiente cuja temperatura permitia uma perfeita conservação.

A certa altura da palestra do crítico carioca, alguém falou em **O Pagador de Promessas**. A indagação "por onde anda esse filme?", feita por Monteiro, muitas pessoas riram, talvez supondo alguma alusão a um pretenso desaparecimento de cópias do laureado filme de Anselmo Duarte.

Um não à pornochanchada

Adhemar Carvalhaes chama a atenção de todos para o fato de a pornochanchada constituir um retrocesso para o cinema brasileiro. "A pornochanchada tem o mérito de atrair o público para a obra de autor brasileiro. A mesma coisa acontecia com a chanchada nos anos 50", ponderou Carvalhaes. E, prosseguindo, sentenciou que uma comédia bem realizada, de bom nível artístico, como **Sedução**, por exemplo, faria o mesmo efeito. E abordou outras questões. Defendeu Walter Hugo Khoury contra aqueles que vêem no realizador paulista um mero repetidor de fórmulas antonionescas. Para ele, Khoury não poderia fazer um cinema diferente, não poderia tomar como ponto de partida assuntos que, em essência, muito diferem da realidade vivida pelo cineasta.

Antes, André Setaro alertara as pessoas presentes à abertura do FENACA, na Biblioteca Pública, para o fato de que não são poucos os realizadores paulistas e cariocas interessados numa realidade que nada tem a ver com a desses realizadores — no caso, a nordestina.

E os filmes.

Não se pode, por enquanto, exigir muito dos realizadores de SUPER-8. São muitos os percalços com que eles deparam, entre os quais, provavelmente, o pior consiste no fato de que eles nunca têm condições de exibir comercialmente as obras que realizam. Mesmo entre os apreciadores do cinema, há pessoas que nunca ouviram falar na bitola SUPER-8. E ninguém pode negar o talento de alguns desses realizadores — o FENACA, por exemplo, mostrou trabalhos de indiscutível envergadura.

Paisagem, que obteve um prêmio através de sua melhor participação com atores, é um lindo filme experimental. Um trabalho adulto, demasiadamente convincente do ponto de vista da inovação que estabelece. **Crianças do Morro da Sereia**, dos baianos Fernando Belens e Carlos Melo, é um filme que aborda problemas de caráter social, possui uma bela fotografia e se comunica de maneira fácil mas digna. Merecidamente, obteve o prêmio de melhor filme. Mas o pernambucano Walderes Soares Pinto arrebatou um prêmio para o melhor conjunto de obras experimentais. Uma dessas obras, o filme **Pix PGE-3** (sobre o inferno do tráfego), quase arrebata o prêmio de segundo melhor filme — segundo informações do crítico Celso Marconi, **Jornal do Commercio**. Um outro pernambucano, o crítico Fernando Spencer, teve duas de suas obras premiadas: **Toré**, **A Nossa Senhora das Montanhas**, melhor fotografia, e **Quem Matou Marilyn?**, melhor montagem. Aliás, o documentário **Quem Matou Marilyn?** deve ser visto por todos aqueles que apreciam o SUPER-8, pois é um trabalho de comovente fundo nostálgico, uma exemplar montagem de cenas da vida da saudosa Marilyn Monroe. Por outro lado, **Universidade: o que espera o calouro**, prêmio de melhor roteiro, é uma reportagem feita com jovens às portas da universidade. Dirigido pelo carioca João Lanari, o filme não foi além por motivos óbvios. Mas, a julgar pelo comportamento do público no dia da entrega dos prêmios, o filme favorito do FENACA era nada mais nada menos que **Agreste**, do baiano Robson Robinson. E um filme de animação muito bom, só que com um final ambíguo.

Cine-clube: uma necessidade

Aracaju, uma pequenina capital brasileira, dispõe de força suficiente para realizar festivais de cinema. E, como se não bastasse, há dez anos possui o seu Clube de Cinema. O mesmo ocorre com Natal, Maceió, João Pessoa. Enfim, Salvador está acima de qualquer suspeita. Mas o Recife, infelizmente, não tem nada disso. O que não deixa de ser lamentável, pois esta é uma das mais importantes capitais brasileiras — além de possuir um bom número de cineastas amadores e um enorme público interessado pela sétima arte. "Por que a UFPE não segue o exemplo de sua congênere sergipana?", foi a pergunta feita a mim por muitas pessoas presentes ao FENACA. Através da imprensa, que é um maravilhoso veículo para se expor e discutir idéias, foi o crítico Celso Marconi a primeira pessoa a falar no assunto. Agora, porém, somos nós, do JORNAL UNIVERSITÁRIO, que apelamos: o Reitor Paulo Maciel não pode ficar indiferente à criação de um cine-clube na Universidade. Não pode ficar alheio à realização de festivais de cinema. Enfim, uma obra cinematográfica possui alto valor cultural. Pode ser tão artística quanto qualquer quadro de Rubens, qualquer quarteto de Beethoven. O cinema é formador de consciências, de fortalezas morais, de sensibilidades apuradas.

Nada de novo no front da Globo

A Globo é, ninguém tem dúvida, a melhor cadeia de televisão do Brasil. Sua programação, apesar dos desníveis conteudísticos, é a que oferece melhores atrativos. Sua técnica é admirável, e as falhas são tão diminutas que mal chegam a comprometer. Os responsáveis pelos destinos da emissora têm prometido, aqui e ali, melhorar cada vez mais o nível de seus programas — principalmente do ponto de vista cultural. Claro está que, melhorando o padrão Globo de cultura, a emissora estaria em perfeita consonância com os milhares de brasileiros que, hoje mais do que nunca, freqüentam com prazer livrarias, teatros e salas de concertos. Hoje, as pesquisas de caráter sociológico comprovam, é muito grande, alentador mesmo, o interesse do povo brasileiro pelos produtos derivados da cultura e criação artística. Portanto, não é de bom tom supor que o público brasileiro engole todo e qualquer bagulho.

Talvez estejamos vivendo um período que pode muito bem ser caracterizado por uma convicção do professor Ariano Suassuna. Suassuna acredita que um povo intoxicado por subprodutos culturais do tipo telenovelas, encontra evidente dificuldade em digerir os mais legítimos anseios do comportamento artístico e cultural. Quer dizer, o gosto do público está condicionado pela certeza de que alta mesmo é a mensagem cultural veiculada pela Globo, sobretudo porque a emissora é a primeira a anunciar que está propondo mais e melhores opções para o telespectador.

Onde o Bom Domingo?

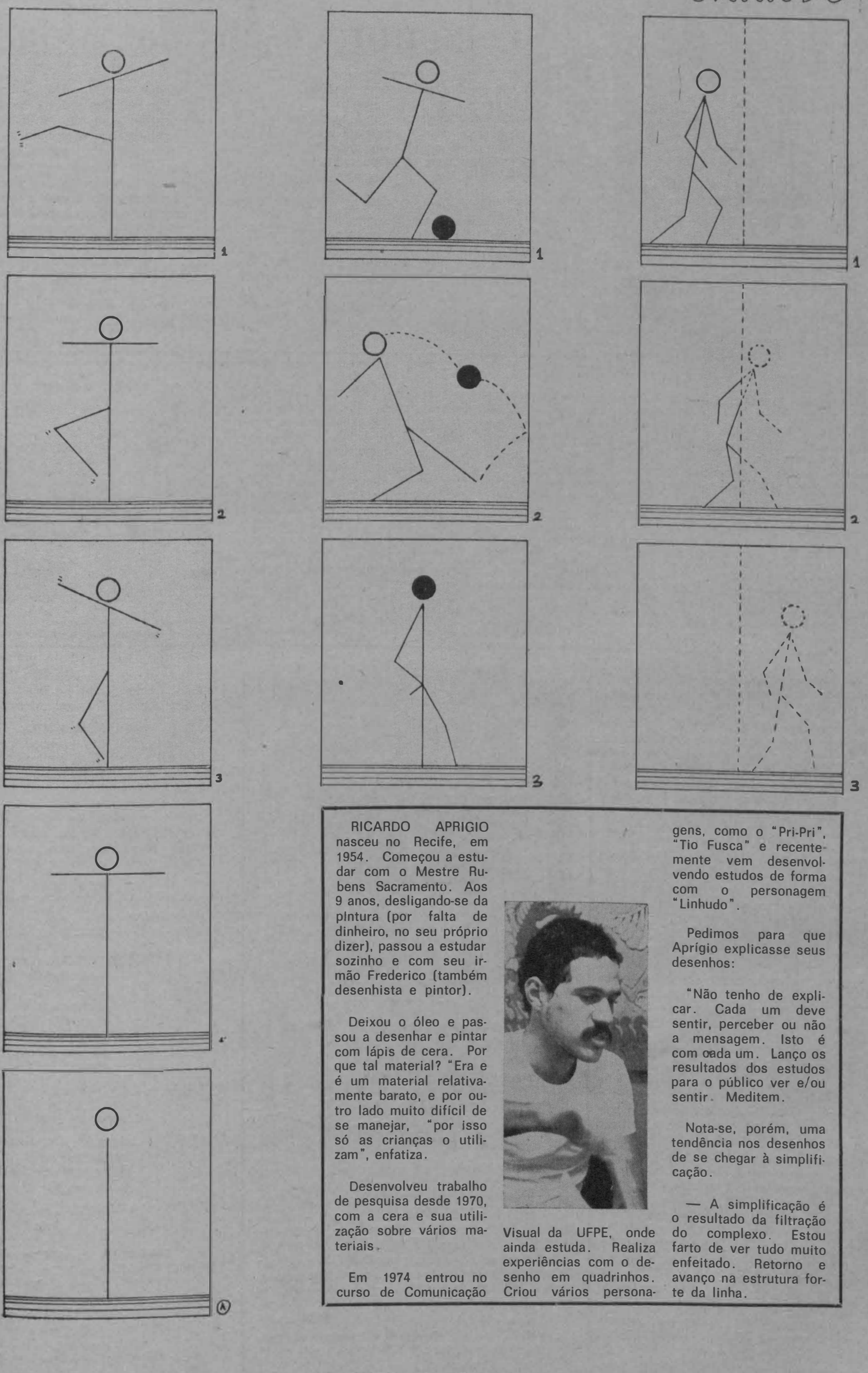
Com efeito, depois que o indefectível Sílvio Santos arrumou suas malas e saiu da Globo, deixando vazias as oito longas horas ocupadas pelo seu animado mas medíocre programa dominical, a emissora viu surgir mais uma oportunidade para insistir na pretensa qualidade cultural de sua programação. Mas a Globo não vem cumprindo o que promete, e as razões são óbvias. Sílvio Santos foi um dos responsáveis pela extraordinária audiência alcançada pela emissora do sr. Roberto Marinho, e aqueles telespectadores que sempre o acompanharam resolveram, agora, passar as tardes de domingo sintonizando não mais a Globo, e sim a Tupi — para onde se transferiu o animador.

Ora, para a Globo, que tem mania de grandeza, nada deve causar mais horror do que a supremacia da rival em termos de IBOPE. Pois as primeiras pesquisas do Instituto, feita com base em cinco grandes capitais brasileiras, provam que o riquíssimo empresário continua prestigiado pelos seus fiéis seguidores. Tudo porque o "Bom Domingo", que a Globo programou como opção qualitativamente válida, não passa de uma pálida idéia do que realmente seria uma programação "qualitativamente válida".

O "conteúdo" da Globo

Numa recente entrevista à revista semanal VEJA, o superintendente dos departamentos de produção, programação e engenharia da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, afirmou que, agora, "é a hora de dar conteúdo à televisão". Que conteúdo? A citada revista alega que Bonifácio é capaz de solicitar duas fotos 3x4 a um produtor do programa "Fantástico", para mandar confeccionar uma "carteirinha de imbecil". Se é esta a espécie de conteúdo que o superintendente da Globo (cujas remunerações mensais oscilam em torno de 500.000 cruzeiros) quer impingir ao público brasileiro, é melhor conservar os televisores desligados. Evidentemente, até que algo de proveitoso apareça nos nossos vídeos.

LINHUDO



RICARDO APRIGIO nasceu no Recife, em 1954. Começou a estudar com o Mestre Rubens Sacramento. Aos 9 anos, desligando-se da pintura (por falta de dinheiro, no seu próprio dizer), passou a estudar sozinho e com seu irmão Frederico (também desenhista e pintor).

Deixou o óleo e passou a desenhar e pintar com lápis de cera. Por que tal material? "Era e é um material relativamente barato, e por outro lado muito difícil de se manejar, "por isso só as crianças o utilizam", enfatiza.

Desenvolveu trabalho de pesquisa desde 1970, com a cera e sua utilização sobre vários materiais.

Em 1974 entrou no curso de Comunicação

Visual da UFPE, onde ainda estuda. Realiza experiências com o desenho em quadrinhos. Criou vários personagens, como o "Pri-Pri", "Tio Fusca" e recentemente vem desenvolvendo estudos de forma com o personagem "Linhudo".

Pedimos para que Aprígio explicasse seus desenhos:

"Não tenho de explicar. Cada um deve sentir, perceber ou não a mensagem. Isto é com cada um. Lanço os resultados dos estudos para o público ver e/ou sentir. Meditem.

Nota-se, porém, uma tendência nos desenhos de se chegar à simplificação.

— A simplificação é o resultado da filtração do complexo. Estou farto de ver tudo muito enfeitado. Retorno e avanço na estrutura forte da linha.

Até a morte oferece subsídios para maior compreensão da vida

Apesar de configurar-se como mistério, dentro da concepção geral, a morte nem sempre põe fim a tudo. Através dos tempos, o fenômeno vem sendo motivo de estudos, experiências e incursões diversas, no plano religioso, científico e no âmbito da metafísica.

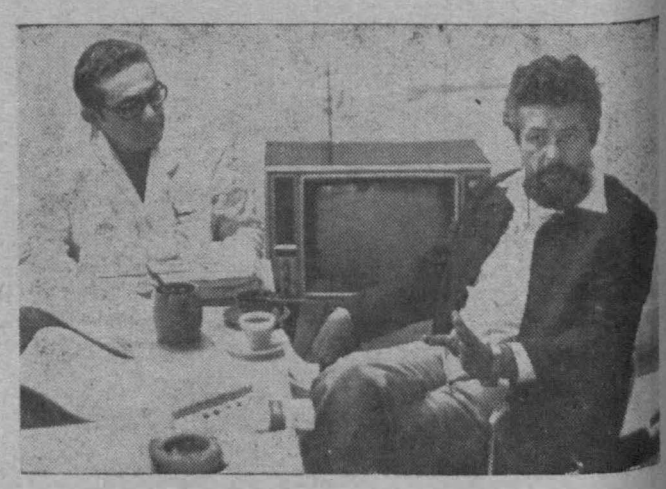
Lavoisier, cientista francês, ficou célebre pela propagação da teoria de que, na natureza nada se perde e tudo se transforma; perspectiva segundo a qual a morte nada mais é do que o nascedouro da própria vida. Então, neste caso, a morte não é de todo inútil, embora seja ampla e definitivamente temida, entre racionais e irracionais. Para os estudiosos das ciências médicas, por exemplo, um feto morto pode oferecer significativo contributo à ciência, pois à luz do pequeno corpo que, aos quatro meses já apresenta formas que o identificam como espécie humana, se for o caso, alunos e professores realizam aulas práticas de Anatomia, estudando a sua composição somática, o que significa dizer: mesmo diante da morte o homem encontra elementos capazes de emprestar luzes para melhor compreensão do ser pensante, pelo menos em termos de estruturação corpórea.

Uma áurea de repugnância, inibição e expectativa se apodera da maioria dos recém-ingressados alunos na Faculdade de Medicina, quando lhes é dado o anúncio para assistirem à primeira aula de Anatomia. Sabem eles que lá dentro, na sala de aulas, vão se defrontar com cadáveres humanos, uns inteiros, outros totalmente dilacerados, expostos sobre longas mesas.

Tal reação é natural, principalmente porque nenhuma preparação psicológica é dada antecipadamente, aos jovens estudantes. Há os que chegam a virar o rosto, na hora em que os cadáveres são movidos de um lado para outro e o professor inicia uma espécie de preleção, demonstrando a importância de cada órgão, nos seus mínimos dètalhes.

PROBLEMA E SOLUÇÃO

Este um panorama que caracterizou, por muito tempo, o ensino da Anatomia nas nossas Universidades. No âmbito do Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina da UFPE, no entanto, o comportamento começa a mudar com a introdução de novo sistema de ensino, no qual há a colaboração direta do Centro Multinacional de Tecnologia Educativa da TV-U/OEA. É o ensino através de circuito fechado de televisão, desde fevereiro de 1975, relativamente à Unidade Curricular 2 (unidade-piloto).



Os Professores João Rodriges Sampaio (E) e Gonzales Z (D) explicam a nova técnica de ensino

Quando foi introduzido na UFPE o Sistema de Ensino Integrado, em 1974, a disciplina Anatomia viu-se a braços com um problema: o número de alunos cresceu desmedidamente e o de professores permaneceu estático. Anatomia é uma matéria que exige um acompanhamento intensivo das atividades do aluno, pois o material básico de trabalho ainda continua sendo o corpo humano em estado cadavérico. O pequeno número de docentes não atendia de forma nenhuma essa necessidade. Como conseqüência, o nível de aprendizagem começou a decair rapidamente. O que fazer?

Utilizar recursos tecnológicos pareceu o caminho mais indicado. Foi solicitado então, em 1975, um assessoramento, pelo Departamento de Morfologia, à TV-U, onde atualmente funciona um dos Centros Multinacionais de Tecnologia Educativa mantidos pela OEA na América Latina.

A partir dessa solicitação, teve início a implantação de um sistema de ensino que utiliza basicamente a televisão e a instrução programada.

Os alunos são submetidos, antes de iniciar-se a aula, a um teste, que tem como finalidade apontar o nível de conhecimento pré-existente na turma, estabelecendo uma base para se avaliar o índice de aprendizagem.

Vejamos agora, como se processa uma aula:

O aluno chega numa das quatro salas, equipadas com mesas para oito pessoas e **monitores de TV** e recebe um primeiro texto impresso, programado: o Estudo Dirigido com Material (EDM). Esse material tem a função de motivá-lo para a aula que se inicia, tornando familiares as peças que serão utilizadas e que já estão sobre a mesa. O EDM levanta questões e desperta a curiosidade.

Em seguida, tem início a exposição teórica, pela televisão, em circuito fechado. Quando o Professor refere-se a determinada peça, ou aponta-a no vídeo, o aluno pode compará-la e observar a idêntica que ele tem na mesa.

O próximo passo é a Prática Dirigida (PD). Com um texto programado na mão, o aluno procede à aula prática. O texto oferece toda orientação necessária, além de exercício com respostas para verificação da aprendizagem.

O aluno também recebe o Material Permanente (MP), que ele levará para casa e estudará no momento que lhe for mais conveniente. O MP traz todas as informações teóricas sobre o assunto, em forma programada, com exercícios e respostas.

Com esses subsídios o aluno, que já foi informado no início sobre que tipos de habilidades espera-se que seja capaz de alcançar no final da aula, estará apto a prestar um teste de avaliação de conhecimentos. Todo o processo recebe o acompanhamento dos monitores, sob a supervisão de um professor.

Essa dinâmica foi planejada para a Unidade Curricular 2, estudo dos tecidos e testada em dois semestres consecutivos (2.° de 1975 e 1.° de 1976), atendendo 850 alunos.

As Unidades 3 (Sistemas em geral), 3M e 4M (Sistemas em profundidade) estão em fase de planejamento. Como são mais complexos, exigem soluções diferentes das encontradas para a UC-2.

FINANCIAMENTO

Até agora o sistema recebeu verbas da OEA para pessoal e utilizou o equipamento da TV-U. Quanto aos materiais impressos, foram cedidos aos alunos em troca de papel para mimeógrafo em quantidade equivalente.

A meta é conseguir financiamento dos órgãos competentes do MEC para a implantação de todo o Sistema, prevendo-se que, uma vez implantado, ele será auto-financiável.

PESSOAL

Chefe do Dept° de Morfologia —Prof. João Rodrigues de Sampaio.

Diretor da TV-U — Francisco Dário Mendes da Rocha.

UNIDADE CURRICULAR 2

PLANEJAMENTO — **José Hipólito Gonzales Z.** — especialista do Centro Multinacional de Tecnologia Educativa TV-U/OEA. **Ana Maria Andrade de Azevedo** — técnica em planejamento educacional.

CONTEÚDO — João Rodrigues de Sampaio
Celso Campos de Mattos
Manoel de Gusmão Costa

AVALIAÇÃO — John Tiffin — especialista do Centro Multinacional da TV-U/OEA.
Malena Talayer Torino — técnica em avaliação

PRODUÇÃO DAS AULAS — Televisão Universitária

UNIDADES 3, 3M e 4M

PLANEJAMENTO — John Tiffin — especialista do Centro Multinacional — TV-U/OEA.
Ana Maria A. de Azevedo — técnica em planejamento educacional.
Inesita Soares de Araújo — técnica em planejamento educacional.